

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HISTÓRIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Clayton Camacho

**Hercule Florence na expedição do Barão de Langsdorff:
diários de viagem, aquarelas e pinturas**

MONOGRAFIA

São Paulo
2020

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Clayton Camacho

**Hercule Florence na expedição do Barão de Langsdorff:
diários de viagem, aquarelas e pinturas**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de LICENCIATURA em História, sob a orientação da Prof. Dra. Ana Hutz.

São Paulo

2020

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste Trabalho de Conclusão de Curso por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura _____

Data _____

e-mail _____

Camacho, Clayton

Hercule Florence na expedição do Barão de Langsdorff:
diários de viagem, aquarelas e pinturas / Clayton Camacho. – São
Paulo, 2020.

68f. : il. ; 22 cm.

Orientador: Profa. Dra. Ana Hutz

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura
em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
2020.

1. Hercules Florence. 2. Barão Langsdorff. 3. Expedição
científica. 4. Pintores-viajantes. I. Hutz, Ana. II. Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-
Graduados em História. III. Título

CDD _____

Nome e no. do CRB do bibliotecário responsável

Clayton Camacho

**Hercule Florence na expedição do Barão de Langsdorff:
diários de viagem, aquarelas e pinturas**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de LICENCIATURA em História, sob a orientação da Prof. Dra. Ana Hutz.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Nome – Sigla da Instituição

Nome – Sigla da Instituição

Nome – Sigla da Instituição

Nome – Sigla da Instituição

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos colegas do Curso de Licenciatura de História da PUC/SP, por todo companheirismo e apoio mútuo ao longo dos últimos 3 anos.

À equipe da Casa da Cultura D. Narcisa Stettener Pires, em Porto Feliz, pela especial atenção nos contatos telefônicos que mantivemos.

À Sra. Francis Melvin Lee, Mestre em História Social e Superintendente do Instituto Hercule Florence, que, desde o início dos nossos contatos, em março deste ano de 2020, mostrou-se extremamente solícita e disponível a atender às necessidades desta pesquisa, fornecendo fotografias e indicando acessos à biblioteca virtual, além de ter franqueado os espaços do Instituto, mas que, em razão das restrições exigidas para o enfrentamento da pandemia do COVID-19, não foi possível visitá-los fisicamente.

A todos os Professores da PUC/SP que, neste ano de 2020, desdobraram-se para nos ministrar aulas *on-line*, mantendo toda a excelência do ensino presencial.

Finalmente, um especial agradecimento aos Professores Dr. Alberto Luiz Schneider Alberto, que, com suas brilhantes e vibrantes aulas, despertou-me a paixão e admiração pela história do Brasil pré-republicano, e pelos sábios conselhos para a condução desta pesquisa; Dra. Marijane Vieira Lisboa, de OTCC II, que, com sua experiência, conhecimento e notável capacidade de trabalho, revisou as várias remessas parciais e a versão final deste trabalho, além de brindar-nos com agradáveis conversas em nossas aulas de sábado; Dra. Ana Hutz, professora de OTCC I e minha orientadora, pela paciência, pela sinalização do caminho que deveria seguir, pela motivação dada para a continuidade da pesquisa do tema, pela indicação de autores e que, pelo seu controle dos prazos, fez com que o trabalho fosse concluído a tempo e hora.

A Providência traçou para o homem, como rotas primitivas, os rios, pelos quais ele penetra nos continentes e nos desertos, e nos sertões onde vivem os selvagens. [...] Sinto-me orgulhoso de ter vindo para estas paragens, cuja solidão me retraça, com inteireza de verdade, o estado do mundo antes da criação do homem. Assim, eu, que outrora vivia no seio das velhas populações européias, por mim substituídas pelas nascentes populações da América, ainda atinjo os extremos de um período de 6.000.000 de anos!

(FLORENCE, 1977a, p. 51).

RESUMO

Nesta pesquisa, analisamos a participação de Hercule Florence na Expedição chefiada pelo Barão Georg Heinrich von Langsdorff, que percorreu, entre 1821 e 1829, o interior do Brasil, desde o Rio de Janeiro até o Amazonas, começando em Porto Feliz (SP) e passando por Cuiabá (MT). Foram analisados os diários de Hercule Florence, e também os do Barão Langsdorff, suas aquarelas e pinturas. Foi uma expedição audaciosa, na qual 27 pesquisadores e aventureiros perderam a vida, que tinha por objetivo coletar amostras da flora e fauna e conhecer os costumes dos povos da região. O objetivo foi alcançado e, da coleta de espécimes, criou-se o Herbário do Museu Nacional, que não foi atingido pelo incêndio que destruiu o prédio, em setembro de 2019. Analisamos, a voo de pássaro, a política a respeito das expedições antes e após a vinda da família real ao Brasil em 1808, bem como o caminho escolhido para concretizar a Expedição. Por fim, analisamos o papel fundamental nas expedições científicas, que cabia aos pintores-viajantes, uma vez que eram os responsáveis por descrever e traduzir, no papel, todos os detalhes do inventário do Novo Mundo. Seus relatos de viagem e narrativas das suas impressões pessoais do Brasil tornaram-se públicos, pela divulgação de seus diários de viagens.

Palavras-chave: Hercule Florence; Barão Langsdorff; Expedição científica; Pintores-viajantes.

ABSTRACT

In this research, we analyzed the presence of Hercules Florence in the Expedition headed by Baron Georg Heinrich von Langsdorff, who traveled, between 1821 and 1829, in the interior of Brazil, from Rio de Janeiro to Amazonas, starting in Porto Feliz (SP) and followed until Amazonas, passing through Cuiabá (MT). Hercules Florence's diaries were printed, as well as Baron Langsdorff's, his watercolors and paintings. It was an audacious expedition, in which 27 researchers and adventurers lost their lives, in order to collect flora and fauna and learn about the customs of the peoples of the region. The objective was achieved and, with the collection of species, the Herbarium of the National Museum was created, which was not affected by the fire that destroyed the building in September 2019. We analyzed the policy regarding expeditions before and after the arrival of the Royal family to Brazil in 1808, as well as the path chosen to carry out the Expedition. Finally, we analyzed the fundamental role in scientific expeditions, which was the responsibility of the traveling painters, since they were responsible for describing and translating, on paper, all the details of the New World inventory. His travel accounts, narratives of his personal impressions of Brazil, if published by the publication of his travel diaries.

Keywords: Hercules Florence; Baron Langsdorff; Scientific expedition; Traveling painters.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Partida de Porto Feliz para Cuiabá. ...	17
Figura 2 – Partida da Monção...	18
Figura 3 – Beque de proa de canoão.	19
Figura 4 – Vista parcial da sala Caminhos e caminhantes: vivências do sertão, com o beque de proa em primeiro plano.	19
Figura 5 – <i>L'Ami des arts livré à lui-même</i> (detalhe) 1837-1859.	20
Figura 6 – Desenho de Hercule Florence.....	20
Figura 7 – Segundo desenho após original de Adriano Taunay, 1927.....	21
Figura 8 – Encontro de Monções no Sertão, São Paulo.	22
Figura 9 – Expedição mercantil de Porto Feliz a Cuiabá.....	22
Figura 10 – Rota das Monções.	23
Figura 11 – A Ximbó encalhada em um rochedo... ..	24
Figura 12 – <i>Pyrapóra</i> [<i>Desenho do Carnet de dessins</i>] [1826].....	25
Figura 13 – <i>Caxoeira Ytagaça</i> [<i>Desenho do Carnet de dessins</i>] [1826].....	25
Figura 14 – Spix e Martius, Cachoeira de Araraquara, Viagens pelo Brasil, 1817- 1820.....	26
Figura 15 – Rio Tietê em 1826, na altura de Porto Feliz, de onde partiam as monções... ..	26
Figura 16 – Paineis de azulejos - Partida da Ararytaguaba da Monção Fundadora do Presídio de Iguatemy sob o Comando de João Martins de Barros, 28 de julho de 1767.	27

Figura 17 – Percurso da Expedição Langsdorff..	34
Figura 18 – Percurso da Expedição Langsdorff.	35
Figura 19 – Fotografia de Hercules Florence, após 1830..	41
Figura 20 – <i>Apiacás. Habitation des Apiacás sur l'Arinos, Avril 1828</i>	47
Figura 21 – <i>Indiens Guanás. Cuyabá, Novembre 1827</i> ..	49
Figura 22 – <i>Famille de Nation Guató, 1826</i>	49
Figura 23 – <i>Indienne de Nation Bororo [Desenho do Carnet de dessins] [1827]</i>	50
Figura 24 – <i>Indien élève à la Chapada, fils 'um Paresis et d'une Bororo. Guimarães, Mai, 1827</i>	50
Figura 25 – <i>Indienne Apiacá, au Diamantino de Mato-Grosso. Fevrier, 1828</i>	51
Figura 26 – <i>Pará, Janvier 1829. [Orchidaceae. Rodriguesia secunda H.B.K.]</i>	52
Figura 27 – <i>Quiriquiri Gr. nat.e. Diamantino de Matto-Grosso, Fevrier 1828</i>	52
Figura 28 – <i>Pacú. Réduit. Cuyabá, 20 Avril 1827</i>	53
Figura 29 – <i>Indienne de la Chapada, fille d'um Paresis et d'une Bororo. Guimarães, Mai, 1827. Hercule Florence, ft. 1827</i>	53
Figura 30 – Pirâmide “Sub Ferdinando VI”.....	55
Figura 31 – Vista do marco representativo do Tratado de Madri (1750).	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 AS MONÇÕES: OS CAMINHOS FLUVIAIS.....	16
3 AS ATIVIDADES CIENTÍFICAS NO BRASIL E A EXPEDIÇÃO LANGSDORFF	28
3.1 Pequena história da Expedição Langsdorff.....	32
4 OS VIAJANTES E HERCULES FLORENCE	38
4.1 Hercules Florence	40
5 PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE HERCULES FLORENCE DURANTE A EXPEDIÇÃO LANGSDORFF	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	60
ANEXO A – Fotografias do Museu das Monções e da Casa da Cultura D. Narcisa Stettener Pires: “Sala das Monções” e “Sala Hercule Florence”	64
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	68

1 INTRODUÇÃO

A transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, além do impacto econômico decorrente da abertura dos portos, quando se colocou fim à exclusividade portuguesa de manter relações comerciais com o Brasil, também deixou o nosso país aberto aos olhos dos europeus, a quem, durante os três séculos anteriores, esteve fechado. A decisão do governo português facilitou as visitas – que anteriormente eram esporádicas – de cientistas, artistas e diversos viajantes estrangeiros, que aqui vinham para “descobrir” as nossas riquezas minerais e naturais, relatando os seus feitos em livros, diários, cartas, relatórios e pinturas (aquarelas, gravuras e desenhos).

Entre 1816 e 1829, tivemos no Brasil grandes expedições científicas e culturais, organizadas por governos europeus, destacando-se a Missão Francesa (1816, patrocinada pelo governo português), a Missão Austríaca (1817) e a Expedição Langsdorff (1822), responsáveis por grande parte dos relatos e das litografias no início do século XIX.

A Missão Artística Francesa é a mais conhecida de todas e foi uma das primeiras medidas no âmbito cultural, mais especificamente no que concerne ao ensino das artes, tomado pelo Estado português depois da transferência da Corte (OLIVEIRA, 2008). Foi o resultado de diligências interessadas em organizar uma estrutura educacional voltada para o aperfeiçoamento das artes e dos ofícios, tendo representado um grande impulso para o desenvolvimento de novas ideias e comportamentos na capital brasileira.

A segunda grande expedição foi a Missão Austríaca, que desembarcou no Rio de Janeiro em 1817, juntamente com a comitiva da princesa austríaca Dona Leopoldina, e permaneceu no Brasil durante quase cinco anos, tendo como objetivo colecionar espécimes e fazer ilustrações de pessoas e paisagens para um museu que seria fundado em Viena. Teve como expoentes dois viajantes e pesquisadores, que se celebrizariam pelos seus depoimentos e escritos sobre o Brasil da época: o zoólogo Johann Baptista Spix e o botânico Karl Friedrich Philip von Martius.

A terceira mais conhecida expedição, e que é objeto deste estudo, foi organizada com o patrocínio do czar russo Alexandre I e a sua importância “tornar-se-

á particularmente clara, se considerarmos o nível da ciência no princípio do século XIX, a examinarmos à luz dos dados existentes sobre a América do Sul, que eram, com efeito, bastante exíguos” (MANIZER, 1967, p. 15). O organizador e líder da Expedição foi o Barão Georg Langsdorff, físico e naturalista que, depois de ter integrado uma expedição de circum-navegação (entre 1803 e 1808), que passou pela Ilha de Santa Catarina em fevereiro de 1803, retornou ao Brasil – “país dos mais admiráveis e riquíssimo” (MANIZER, 1967, p. 37), sendo que, em 1813, como cônsul-geral da Rússia, estabeleceu-se em uma fazenda nas proximidades do Rio. Em 1821, o Barão resolveu buscar apoio para empreender sua própria expedição científica pelo país, e o conseguiu junto ao czar russo, iniciando, em 1822, um percurso de mais de dezessete mil quilômetros, indo do Rio de Janeiro ao Amazonas, passando por Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso. Durante a trajetória da expedição Langsdorff, a sua comitiva enfrentou sérios problemas, tendo a maioria dos viajantes contraído alguma doença tropical, sobretudo malária, além de elevado número de mortes (dos 39 que iniciaram a expedição, apenas 12 sobreviveram). Contudo, apesar de todos os percalços, os viajantes conseguiram reunir um variado material, que foi enviado para a Rússia ao término da expedição, e ficou encaixotado e não acessível aos pesquisadores no Jardim Botânico de São Petersburgo até 1930, conforme registrado por Boris Komissarov (1994).

De fundamental importância em todas essas expedições era a presença daqueles que ficaram responsáveis pelos registros das viagens, seja escrevendo diários e relatórios, seja registrando em aquarelas e desenhos as paisagens, fauna, flora e pessoas. Na Missão Francesa, se destacaram Nicolas Antoine Taunay, pintor de paisagem; Jean Baptist Debret, pintor de história; Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny, arquiteto; Auguste Marie Taunay, escultor e Chalés Simon Pradier, gravador. Na Missão Austríaca, marcaram presença Johann Christof Mikan, botânico e entomólogo; Johann Emanuel Pohl, médico, mineralogista e botânico; Johann Buchberger, pintor de plantas; Thomas Ender, pintor; Giuseppe Raddi, naturalista; Johann Baptista Spix, zoólogo e Karl Friedrich Philip von Martius, botânico. Na Expedição Langsdorff, estavam os pintores Johann Moritz Rugendas, Hercule Florence e Adrien Taunay, o botânico Ludwig Riedel, o astrônomo e cartógrafo Nester Rubtsov e o zoólogo Christian Hase.

Tendo este trabalho como foco a Expedição Langsdorff, dos seus participantes iremos nos ocupar de Hércule Florence, francês contratado como segundo desenhista, que se definia como “escrevinhador sem letras”, e que “daria tom português ao seu nome tornando-se Hercule Florence, estabelecendo moradia em São Carlos quando terminada a expedição em 1829” (BONFIM, 2012, p. 2). Em 1825, após participar do primeiro trecho da Expedição Langsdorff, que percorreu a região de Minas Gerais, o único pintor da equipe, o alemão Rugendas, rompeu com o Barão Langsdorff e retornou à Europa, levando consigo a maior parte dos desenhos feitos no Brasil. Para não mais correr o risco de perder as ilustrações, Langsdorff contratou, para a segunda parte da expedição, que partiria de Porto Feliz, em São Paulo, como primeiro desenhista, Aimé-Adriano Taunay, francês residente no Brasil e filho de Nicolas Antoine Taunay, um dos integrantes da Missão Francesa, e recrutou Hercule Florence, recém-chegado ao Brasil, como seu segundo desenhista. A decisão de Langsdorff mostrou-se acertada, pois Aimé-Adriano Taunay acabou morrendo, tragicamente, no meio da expedição.

Cabe registrar que o interesse pela Expedição científica Langsdorff e pelas Monções precede o nosso curso de história, pois, na década de 1970, na cidade de Porto Feliz (SP), cursando o antigo ginásio, hoje Fundamental II, o diretor da escola “nos obrigava” a visitar o Museu Histórico e Pedagógico das Monções e o Porto das Monções (hoje Parque das Monções), visitas que considerávamos, em um primeiro momento, chatas, uma vez que os alunos queriam fazer outras coisas, além de visitar o Museu e o Porto.

Entretanto, à medida em que se tornaram rotineiras as nossas visitas a esses lugares, o interesse aumentava e nos dávamos conta da riqueza da história da nossa cidade, que se iniciou em 1693, quando um povoado começou a se formar junto à margem esquerda do rio Anhemby (atual Tietê), em um ponto distante, a cerca de 100 km de São Paulo. O local era conhecido como “Ararituaba” (que significa “lugar onde as araras comem areia”), nome dado pelos índios guaianazes que habitavam a região, em virtude da frequência com que bandos de araras bicavam um salitroso paredão ali existente.

Ararituaba era uma comunidade simples, que cultivava o solo apenas para a sua subsistência. Contudo, em razão da notícia da descoberta de ouro em Mato Grosso (1719) e Goiás (1725), a movimentação no vilarejo e o seu consequente

progresso se deram de forma muito rápida. No local, havia um estratégico porto natural, junto ao primeiro trecho navegável do rio Anhemby, depois de Itu. Inicialmente, os bandeirantes partiam de Santana de Parnaíba, mas como nessa localidade o rio Tietê é bastante acidentado, decidiram partir diretamente do porto de Araritaguaba. Assim, este local serviria de ponto de partida, ainda no século XVII, aos numerosos bandeirantes, em busca das riquezas encontradas em Mato Grosso e Goiás, bem como, no século XVIII, dali partiriam também as conhecidas monções, que eram as expedições comerciais e científicas¹.

Daí se vê a importância do porto de Araritaguaba, que também era conhecido como o “porto feliz”, pois dizia-se que seus moradores chamavam a atenção por sua alegria e hospitalidade, principalmente quando as expedições fluviais retornavam, ocasiões em que havia pequenas comemorações. A última monção particular de que se teve notícia em Porto Feliz foi a de Fermino Ferreira. Por causa das dificuldades postas pelas cachoeiras e corredeiras, com o tempo, passaram-se a utilizar novos caminhos, abandonando-se o caminho fluvial.

De Porto Feliz partiria a Expedição Langsdorff, organizada e chefiada pelo Barão Georg Heinrich von Langsdorff, que percorreu mais de dezesseis mil quilômetros pelo interior do Brasil, fazendo registros dos aspectos mais variados de sua natureza e sociedade, e será parte do nosso estudo neste trabalho.

Quanto ao Museu Histórico e Pedagógico das Monções, sempre nos interessava a exposição dos móveis do quarto em que o Imperador D. Pedro II, em 1846, no dia 22 de março, dormiu na cidade. Sobre a visita, segue o relato de José Francisco Leite:

Chegou a esta Vila a participação oficial da chegada de Sua Majestade Imperial à Capital da Província, reuniu-se a Câmara Municipal e publicou, por editais, tão faustosa notícia. No dia 22 pela manhã, muito cedo, o esquadrão da Guarda Nacional foram encontrar S.M.I., bem como as autoridades locais e mais cidadãos, todos vestidos decentemente, tendo a notar-se que nem um só do partido oposicionista (com exceção do Vigário) se dignou ir encontrar S.M. Daí passaram a acompanhar S.M. até a esta Vila, onde entraram às 10 horas do dia 22 de março debaixo de estrondosas bombas, rojões. Foi hospedar-se na casa do Ten. Cel. Arruda, que estava ricamente

¹ Monções: expedições fluviais regulares, que faziam a comunicação entre São Paulo e Cuiabá. Eram assim denominadas, pois observavam estações adequadas às viagens, de acordo com o regime das águas. Ver pag. 18.

adornada. Ali foi S.M. recebido pela Guarda Nacional de Infantaria, comandado pelo Capitão José Dias de Toledo. Sua Majestade decidiu às 16:00 horas dar um passeio pela Vila sem que se soubesse coisa alguma de tal pretensão. Saiu S.M. com pequeno acompanhamento, que a poucos passos já era numeroso, e descendo pelo pátio da Matriz abaixo, passou pela rua que vai para Penha; Dali desceu para o Porto Geral (no Parque das Monções) e, em seguida, ao paredão onde S.M. mostrou que era muito inclinado às Ciências Naturais provando o gosto que tinha o pó do paredão. A Vila tornou-se brilhante como nunca, grande número de famílias percorria as ruas. No dia 23, às 6 horas da manhã, S.M. retirou-se inesperadamente, por isso não teve o acompanhamento que estava preparado, porém foi saudado por inúmeras salvas (LEITE, 2020).²

² Fonte: www.portofeliz.sp.gov.br/historia

2 AS MONÇÕES: OS CAMINHOS FLUVIAIS

A Providência traçou para o homem, como rotas primitivas, os rios, pelos quais ele penetra nos continentes e nos desertos, e nos sertões onde vivem os selvagens. [...]. Sinto-me orgulhoso de ter vindo para estas paragens, cuja solidão me retraça, com inteireza de verdade, o estado do mundo antes da criação do homem. Assim, eu, que outrora vivia no seio das velhas populações européias, por mim substituídas pelas nascentes populações da América, ainda atinjo os extremos de um período de 6.000.000 de anos! (FLORENCE, 1977a, p. 51).

Hercule Florence aponta para a unidade nacional formada através dos rios, imaginário esse que, no século seguinte, será enfatizado pela historiografia, como no caso de Sérgio Buarque de Holanda, para quem os rios são as “estradas móveis”. Já para Hercule Florence, exaltando a sua natureza ainda a ser dominada, os rios são as rotas primitivas, que passaram a ser utilizadas pelos paulistas a partir de 1719, após serem expulsos pelos emboabas de Minas Gerais, por terem ficado impossibilitados de lá continuar a explorar ouro e iniciaram a busca de novas zonas de mineração, o que acabou acontecendo nos Estados de Mato Grosso e Goiás.

Naquele ano de 1719, a bandeira de Pascoal Moreira Cabral, subindo pelo rio Cuiabá à caça de índios, encontrou ouro de aluvião nas margens do rio Coxipó-Mirim e, em 1725, a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva descobriu ouro em Goiás.

Hercule Florence registra em seus diários a corrida ao ouro na região de Cuiabá: “ávidos de ouro, paulistas embarcavam em Porto Feliz e, pelos rios, penetravam os sertões monumentais. Sabe-se que apenas levavam armas, pólvora, chumbo, sal e anzóis” (FLORENCE, 1977a, p. 67), e complementa que os “saídos de São Paulo” teriam como destino uma riqueza efêmera e destrutiva:

A maior parcela dos caracterizadamente aventureiros, sedentos de grossas maquias, não encontrando à vontade ouro em condições de saciar, lançou mão de toda espécie de violências: roubo, assassinato, sangrentas rixas haviam já principiado a arruinar a nascente colônia, quando se cogitou de estabelecer um governo e se enviou a São Paulo pedido de chefes capazes de exercê-lo.” (FLORENCE, 1977a, p. 67).

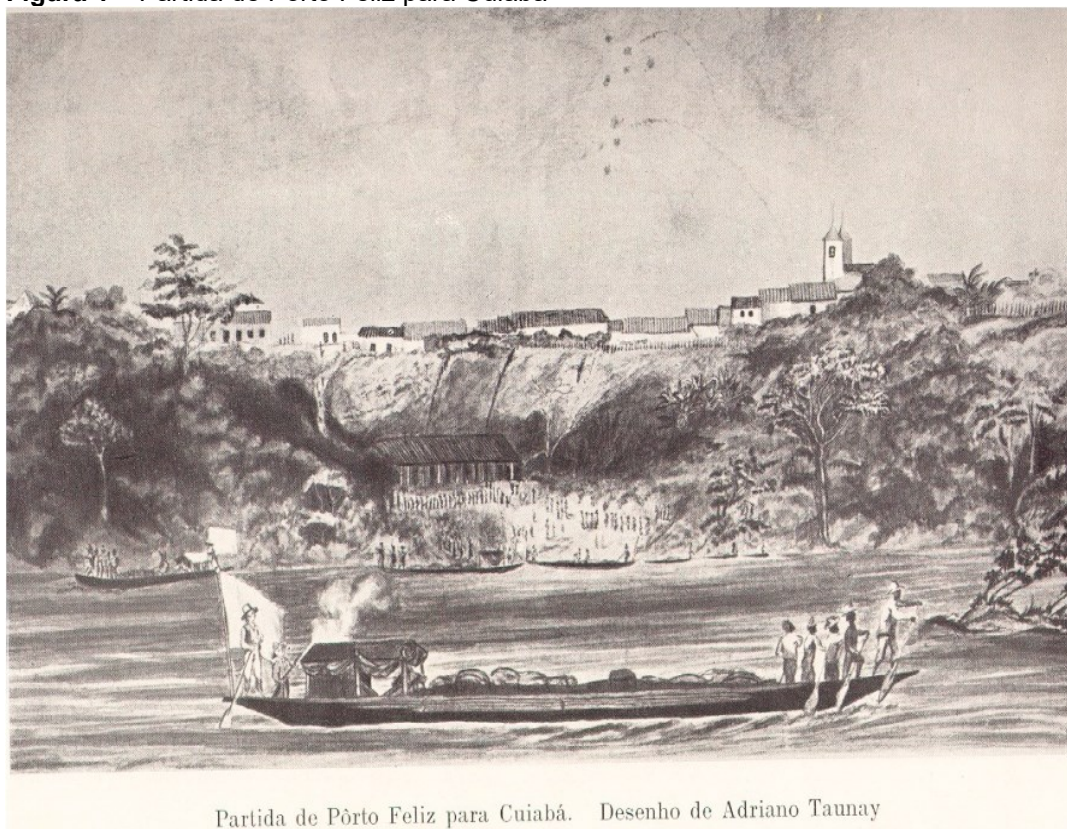
A esse tipo de expedição, dava-se o nome de “monção”, palavra que, na Ásia Meridional, os portugueses usavam para denominar os ventos periódicos que ocorriam na sua costa. Durante seis meses, esses ventos sopram do continente para

o Oceano Índico e, nos seis meses seguintes, em sentido contrário, sendo que essas ocorrências determinavam a saída das expedições marítimas de Lisboa para o Oriente, pois definiam as melhores épocas para navegar no Oceano Índico.

Porém, no Brasil, as expedições que utilizavam as vias fluviais foram chamadas de monções não por causa dos ventos, mas por se submeterem ao regime dos rios, partindo sempre na época das cheias, quando os rios eram facilmente navegáveis, tornando a viagem menos difícil e arriscada. Ou seja, por aqui, o termo monção referia-se às estações adequadas às viagens, de acordo com o regime das águas. No caso das viagens para Cuiabá, a época mais favorável situava-se entre fins de março e meados de junho, após o período mais intenso das chuvas e antes das secas.

As monções partiam de Araritaguaba (atual Porto Feliz), levando, em média, cinco meses, até alcançar as minas de Cuiabá, o mesmo período que levavam as viagens de Portugal à Índia. (PRESOTTI, 2009).

Figura 1 – Partida de Porto Feliz para Cuiabá



Partida de Pôrto Feliz para Cuiabá. Desenho de Adriano Taunay

Desenho de Adriano Taunay, de 1826

Fonte: Florence, 1977.

No início, as monções transportavam paulistas para as minas cuiabanas, mas logo tornaram-se expedições de abastecimento, isto é, bandeiras de comércio, levando mercadorias para as zonas mineradoras, pois a população necessitava adquirir tudo que precisava, considerando que só estava interessada em achar ouro e enriquecer rapidamente e nada produziam.

As monções duraram cerca de um século, desde o início da descoberta do ouro até por volta de 1838, momento em que uma epidemia de febre tifoide atacou a população que trabalhava nas expedições e vivia às margens do rio Tietê (HOLANDA, 1990) e as viagens pelos rios foram interrompidas. Foi no final desse período das monções que a Expedição Langsdorff realizou seus trabalhos.

Figura 2 – Partida da Monção



Pintura de José Ferraz de Almeida Júnior, 1897. Óleo sobre tela (640 x 390 cm)
Fonte: Domínio público, Museu Paulista

As embarcações monçoeiras eram fabricadas observando técnicas indígenas, normalmente de um tronco só, que poderia ser de peroba, ximbaúva ou de qualquer outra árvore de grande diâmetro, mas deveria resistir à umidade. O tipo de “canoão monçoeiro” adaptado à região amazônica foi apelidado “paulista”, no dizer de José Gonçalves Fonseca que se referia a barcos de quatorze e mais metros de comprimento (TAUNAY, 1981, p. 65). Poderiam medir cerca de 12 metros de comprimento e 1,5 metros de largura, mas Taunay também ressalva que havia

canoões com até 15 metros de comprimento e quase 2 metros de boca: “São agudas para a proa e popa, são à maneira de uma lançadeira de tecelão. Não têm quilha, nem leme, nem navegação a vela” (TAUNAY, 1981, p. 48).

Figura 3 – Beque de proa de canoão



Fotografia de José Rosael da Silva (3,56m x 1,17m x 0,83 m)
Fonte: Acervo do Museu Paulista.

Figura 4 – Vista parcial da sala Caminhos e caminhantes: vivências do sertão, com o beque de proa em primeiro plano



Fotografia de José Rosael da Silva, Década de 2000.
Fonte: Acervo do Museu Paulista, São Paulo, 2000.

Essas embarcações tinham dois espaços vazios nas suas duas pontas. A proa era ocupada pelo piloto e o proeiro, cada um utilizando um grande remo para guiar o barco e, junto deles, poderiam estar até seis remeiros. Todos ficavam em pé e eram distribuídos no grande espaço livre de carga. Os passageiros se amontavam na popa. Hercule Florence registrou no seu diário, no dia 22 de junho de 1826: “O sr. Rubsoff e eu ocupávamos o batelão, dentro de uma barraca tão pequena que não podíamos estar senão sentados ou deitados” (FLORENCE, 1929, p. 29). Os desenhos de Hercules Florence são obras que dão ideia de como eram essas embarcações (figura 13).

Figura 5 – *L'Ami des arts livré à lui-même* (detalhe) 1837-1859

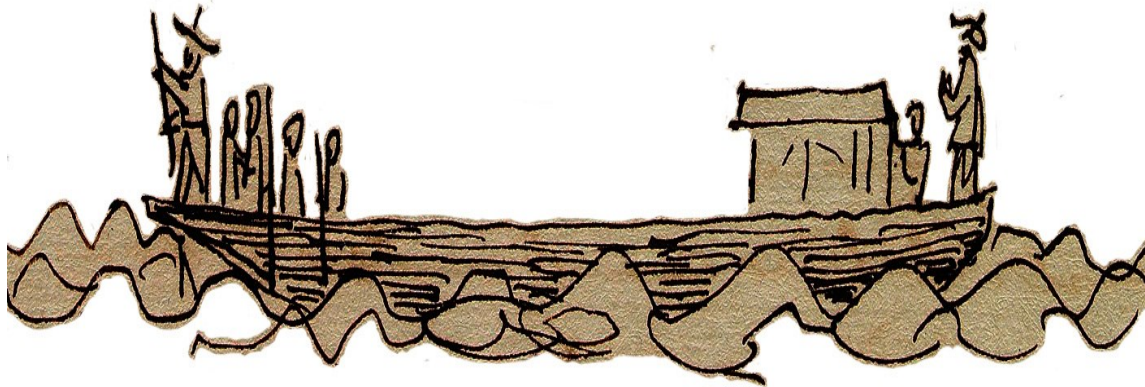
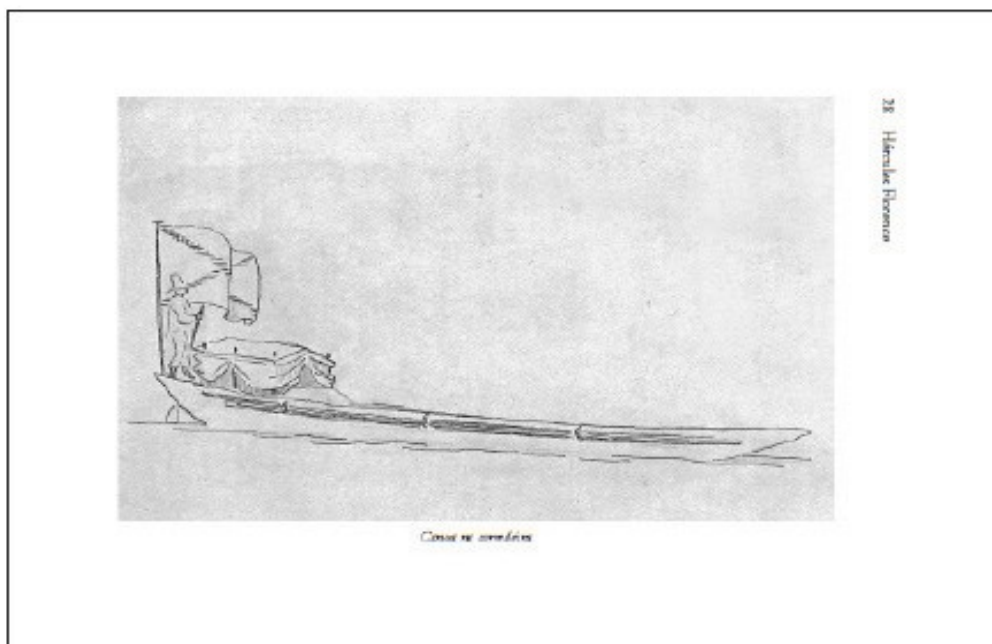


Foto Heitor Florence, Tinta ferrogálica e lápis sobre papel - 30,6 x 21,0 cm
 Fonte: Coleção Instituto Hercule Florence (São Paulo) Foto Heitor Florence
<http://www.ihf19.org.br/expo/obras.asp>

Figura 6 – Desenho de Hercule Florence



Fonte: Florence (1977, p. 28)

Figura 7 – Segundo desenho após original de Adriano Taunay, 1927



Desenho assinado por “J. S.”

Fonte: Museu Paulista (Coleção Afonso Taunay) A2Pr40 Cx4.

A fabricação das embarcações e apetrechos para a viagem ocorria no Porto de Araritaguaba, tendo Hercule Florence, em 1826, escrito que “ia para Porto Feliz, mandar construir canoas e preparar tudo para a viagem de Cuiabá” (FLORENCE, 1977. p. 17), e também informava que, em três meses, os mestres do estaleiro fluvial de Porto Feliz e seus operários haviam preparado dois canoões com cinco pés de largo (1,65 metros), cinquenta de comprimento (16,5 metros) e três e meio de profundidade (1,155 metros), feitos de um só tronco de árvore de carvalho e trabalhado por fora, de fundo chato e pouca curvatura. Eram embarcações pesadas, muito fortes; ainda assim, era comum não resistirem aos choques com as pedras, impelidas pela rapidez das águas (FLORENCE, 1977a, p. 19).

Na parte central da canoa, ficava a carga, e na frente, a aproximadamente dois ou três metros, iam seis remeiros, além do piloto e do proeiro. Para lugares mais perigosos, seguia também um guia ou prático, em número de um ou dois (neste último caso, para trabalharem alternadamente). O proeiro possuía relativo prestígio, por conhecer os rios e a navegação, e tinha o importante papel de marcar o compasso das remadas, além de outras funções como, por exemplo, guardar a chave do caixão das carnes salgadas. Normalmente, a tripulação dessas canoas não passava de trinta

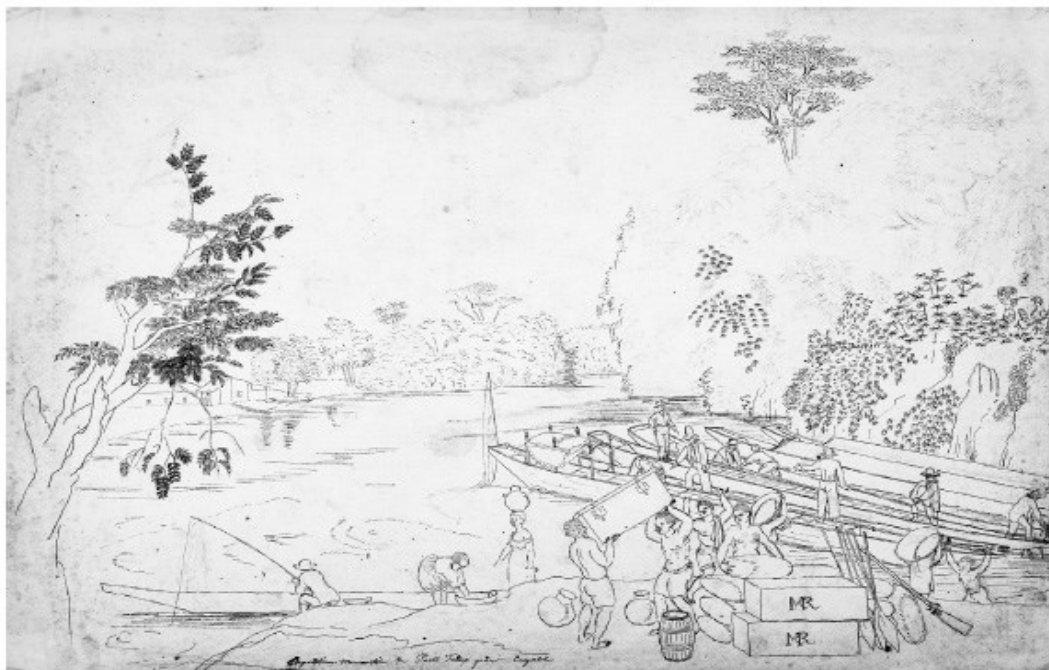
tripulantes, mesmo porque o transporte monçoeiro obrigatório das cargas limitava a tripulação.

Figura 8 – Encontro de Monções no Sertão, São Paulo



Fonte: Oscar Pereira da Silva, SP, Museu Paulista

Figura 9 – Expedição mercantil de Porto Feliz a Cuiabá



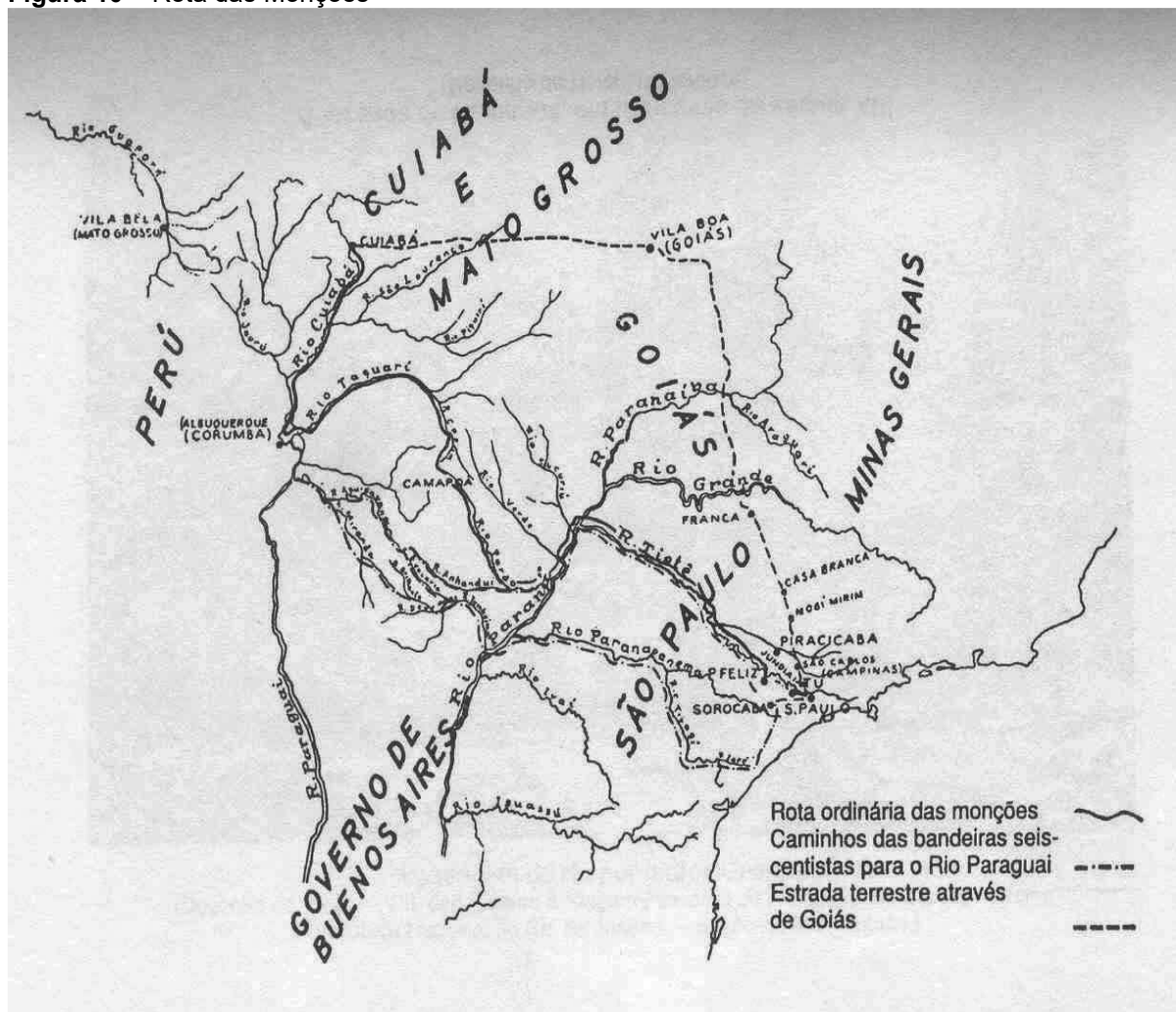
Desenho de Florence (584 × 402 píxeis, tamanho: 124 kB, tipo MIME)

Fonte: Florence (1948, p. 56).

A jornada das monções era difícil, e nela também participavam índios trilhadores, cozinheiros, comerciantes, agentes oficiais, cativos que “mourejavam com cangalhas nas costas” e os

escravos negros seminus e sob a guarda de um fiscal faziam os trabalhos mais pesados, em certos casos, era necessário passar por terra, as canoas eram arrastadas com cordas, no que se gastava muito tempo e trabalho. Nas cachoeiras medianas os barcos não precisavam sair do rio, mas era necessário deixá-los com meia carga e com menos passageiros. Alguns pilotos mais temerários não hesitavam em tudo arriscar e frequentemente tudo perdia (AMORIM, 2004, p. 77).

Figura 10 – Rota das Monções



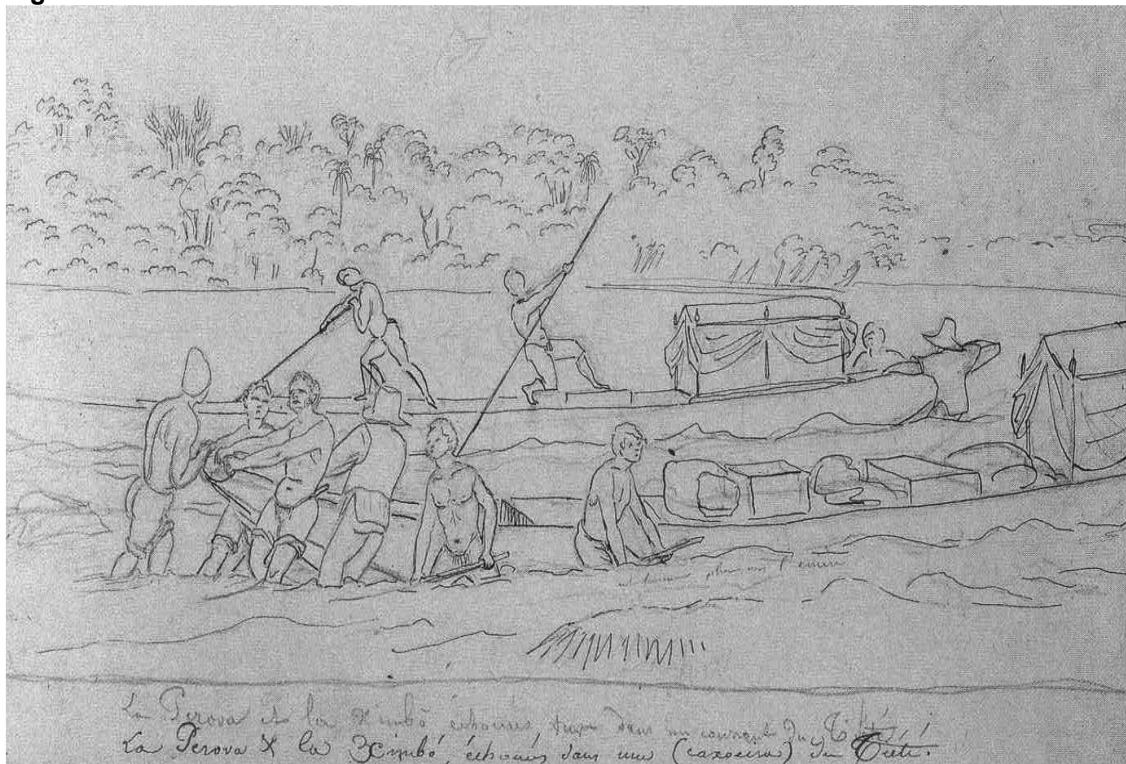
Fonte: Holanda (2000, p. 145).

Taunay (1981) assim discorre sobre a dificuldade das vias fluviais:

as monções cuiabanas, parece-nos inútil recordá-lo, tinham que superar pavoroso obstáculo, nos rios encachoeirados, atravessar, em percurso de milhares de quilômetros, terras inóspitas habitadas por nações gentias belicosíssimas como os paiaguás, guaicurús e caiapós, índios que com a mais notável bravura e a mais justa das pertinácias defendiam os seus chãos. (TAUNAY, 1981, p. 25).

Com diversos obstáculos, cachoeiras, saltos e corredeiras, o trajeto durava entre quatro e sete meses e os viajantes eram obrigados a se desfazerem de canoas, construírem outras e transporem porções de terra a pé ou a cavalo. O desenho de Florence, na Figura 11, reproduz canoas encalhadas como consequência do peso das cargas, resultando na diminuição da profundidade do rio e relata que: “não obstante se haver retirado metade da carga, a Ximbó encalhou num baixio. Sem perda de tempo, os remadores atiraram-se à água e a puseram flutuando de novo.” (FLORENCE, 1977a, p. 22).

Figura 11 – A Ximbó encalhada em um rochedo



Desenho de Florence (Nanquim a pena - 21,3 x 30,6 cm)

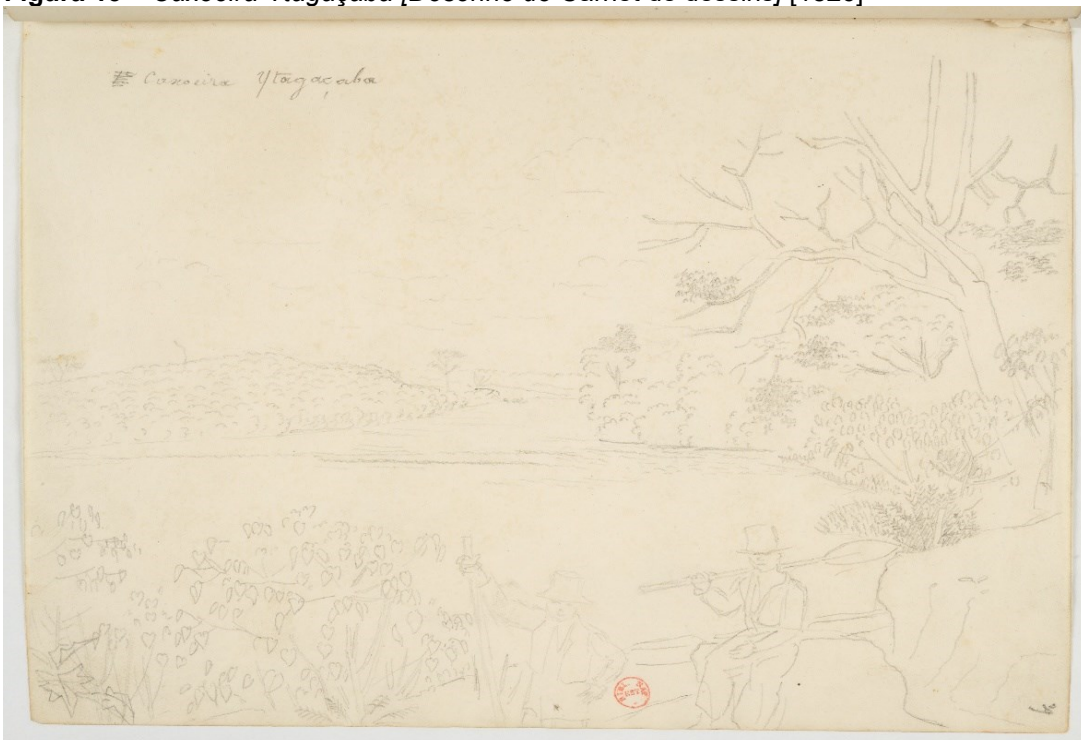
Fonte: Carelli (1995, p. 23).

Figura 12 – Pyrapóra [Desenho do Carnet de dessins] [1826]



Desenho de Florence (Nanquim e grafite sobre papel - 19,3 x 24,7 cm)
 Fonte: Florence. Coleção Bibliothèque Nationale de France (Paris)

Figura 13 – Caxoeira Ytagaçaba [Desenho do Carnet de dessins] [1826]



Desenho de Florence (Grafite sobre papel 19,3 x 24,7 cm)
 Fonte: Coleção Bibliothèque Nationale de France (Paris)

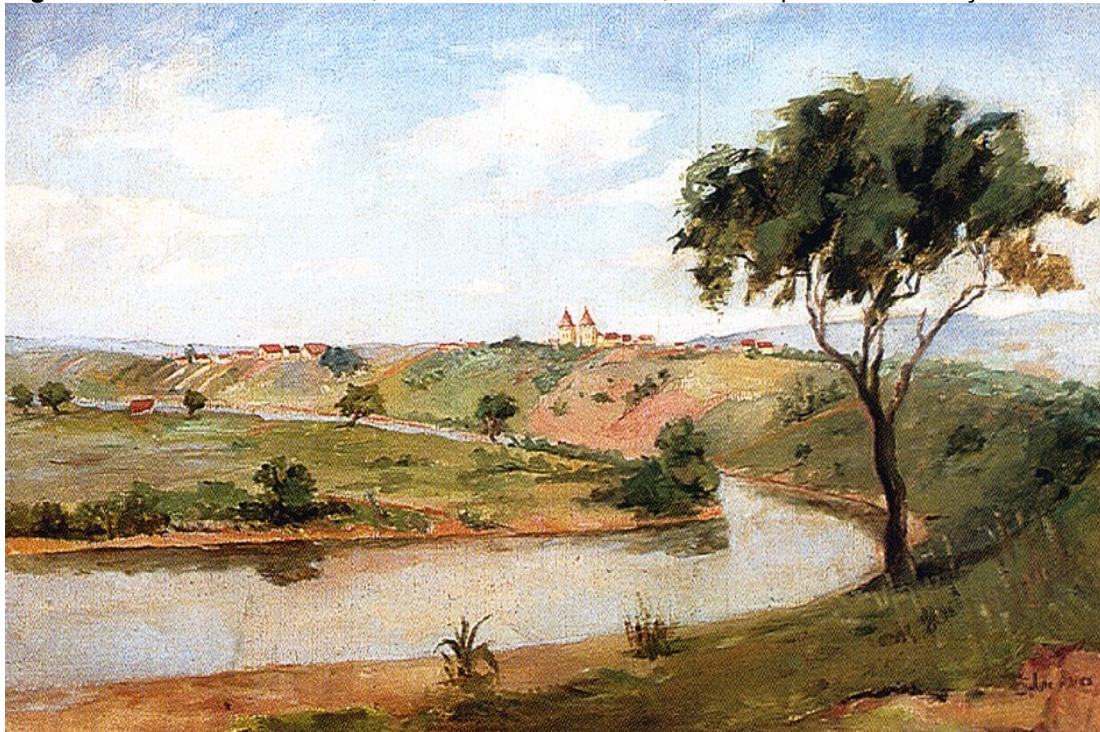
Figura 14 – Spix e Martius, Cachoeira de Araraquara, Viagens pelo Brasil, 1817 -1820



Spix e Martius, Cachoeira de Araraquara, Viagens pelo Brasil, 1817 - 1820

Fonte: Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/tema57.html>

Figura 15 – Rio Tietê em 1826, na altura de Porto Feliz, de onde partiam as monções



Pintura atribuído a Aurélio Zimmermann, feita a partir de desenho de Hercule Florence (Óleo sobre tela, 1920)
Fonte: Domínio público.

Figura 16 – Paineis de azulejos - Partida da Ararytaguaba da Monção Fundadora do Presídio de Iguatemy sob o Comando de João Martins de Barros, 28 de julho de 1767



Por Antonio Luiz Gagni, década de 1940 (150 x 106 cm)

Fonte: Fotografia de Helio Nobre - © Museu Republicano de Itu/Museu Paulista/Universidade de São Paulo

3 AS ATIVIDADES CIENTÍFICAS NO BRASIL E A EXPEDIÇÃO LANGSDORFF

As atividades científicas no Brasil sempre aconteceram e consistiam em viagens exploratórias com registros sobre a flora e a fauna; estudos sobre a cultura e as línguas indígenas e realização de observações astronômicas por jesuítas aqui sediados, entre outras. No período colonial, as expedições foram realizadas por pessoas sem especialização propriamente científica, coletando informações que, muitas vezes, permaneceram manuscritas, pois sofriam restrições para serem publicadas, em razão da preocupação de Portugal em manter sua colônia longe dos olhos dos demais países europeus, tidos como seus rivais. Assim, nem tudo que trouxesse informações sobre o Brasil podia ser publicado e Lorelai Kury destaca, como exemplo, a obra “Cultura e opulência do Brasil”, do jesuíta André João Antonil (ANTONIL, 1982), que, por citar as nossas drogas e minas, foi publicada em 1711; mas, no mesmo ano, ao passar pelas mãos do Conselho Ultramarino, foi censurada, recolhida e queimada, pois temia-se que as informações do livro servissem às nações estrangeiras inimigas da Coroa Portuguesa (KURY, 2001).

Neste período colonial, a preocupação de Portugal em não dar conhecimento ao mundo sobre o que continha, ou o que poderia conter, a sua colônia, levou, no final do século XVIII, à expulsão do cientista alemão Alexander von Humboldt, pois sua expedição foi considerada suspeita e prejudicial aos interesses políticos do reino (LEITE, 1996). Como informa o Embaixador Ronaldo Sardenberg: “o famosíssimo naturalista prussiano Alexander von Humboldt havia sido detido em Belém e sua vasta coleção de espécies vegetais fora confiscada pelas autoridades locais como contrabando”, em entrevista à Folha do Meio, publicada em 25/03/2012 (SARDENBERG, 2012). Porém, a obra de Alexandre von Humboldt acabou sendo referência para todos os viajantes que estiveram no Brasil a partir da abertura dos portos, pois Humboldt conjugou missão científica com viagem sentimental, ou seja, o viajante deveria ser receptivo ao “prazer” que a mente sensível receberia da contemplação imediata da natureza, de forma que a natureza dos trópicos seria, em uma definição típica do romantismo, um refúgio às “almas angustiadas” (LISBOA, 1997, p. 157).

As obras publicadas durante o período colonial que são consideradas científicas provêm das experiências coloniais holandesa e francesa no Brasil, pois

esses países, ao contrário de Portugal, apoiavam a publicação e a circulação de parte das informações sobre o mundo colonial, mesmo quando se tratava de suas próprias colônias. Assim, são conhecidas até hoje as descrições da flora, da fauna e dos indígenas brasileiros feitas pelos franceses André Thévet e Jean de Léry, no século XVI, e as obras de história natural escritas a partir da ocupação holandesa no Nordeste brasileiro, no século XVII.

Contudo, no final do século XVIII, Portugal empenhou-se em incorporar práticas científicas em suas políticas coloniais, patrocinando expedições que, além de cumprirem objetivos militares, realizaram amplos levantamentos dos recursos naturais coloniais. Ganhou notoriedade a expedição liderada por Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista brasileiro, nascido na Bahia em 27 de abril de 1756, formado na Universidade de Coimbra, que explorou a região amazônica de 1785 a 1792. Ferreira foi indicado por Domingos Vandelli e nomeado, em 1778, pela Rainha D. Maria I, para chefiar a comissão científica encarregada de empreender viagem pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, tendo a Expedição Filosófica partido de Lisboa em 1 de setembro de 1783, levando, entre outras pessoas, os desenhistas José Joaquim Freire e Joaquim José Codina e o jardineiro botânico Agostinho Joaquim do Cabo. A expedição chegou a Belém em 21 de outubro de 1783 e durou nove anos e, a partir dela, foram gerados vários trabalhos e anotações sobre a região amazônica, registrando informações sobre a fauna, flora e seus habitantes. (DIAS, 1968).

Mesmo assim, até a vinda da família real portuguesa, o Brasil permaneceu muito pouco conhecido das nações europeias, uma vez que os estudos científicos, até então, eram supervisionados, custeados pela coroa portuguesa e realizados por cientistas formados em Portugal e pelos viventes das colônias. Ou seja, até aí, o Brasil permanecia quase nada acessível à exploração científica estrangeira.

Com a família real no Brasil, assinou-se a Carta Régia, que declarava a abertura dos portos “às nações amigas”, implicando em abertura econômica e também cultural, tendo Sérgio Buarque de Holanda descrito este momento como um “novo descobrimento do Brasil”:

A não ser no Quinhentos e, até certo ponto, no Seiscentos, nunca o nosso país parecerá tão atraente aos geógrafos, aos naturalistas, aos economistas, aos simples viajantes, como naqueles anos que

imediatamente se seguem à instalação da Corte portuguesa no Rio e à abertura dos portos ao comércio internacional. O fato acha em si mesmo sua explicação. A contar de 1808 ficam enfim suspensas as barreiras que, ainda pouco antes, motivaram o célebre episódio daquela ordem régia mandando atalhar a entrada em terras da Coroa de Portugal de ‘certo Barão de Humboldt, natural de Berlim’, por parecer suspeita a sua expedição e sumamente prejudicial aos interesses políticos do Reino. De modo que a curiosidade tão longamente sofreada pode agora expandir-se sem estorvo, e não poucas vezes, com o solícito amparo das autoridades. (HOLANDA, 1975, p. 12).

A partir de então, diversos viajantes tiveram acesso e puderam relatar o ambiente natural e a vida social da época, com destaques para o naturalista inglês Charles Darwin; o também inglês Henrique Koster, que aqui vive entre 1808 e 1819, publicando, em 1816, *“Travels in Brazil”*; o botânico August de Saint-Hilaire, que, das viagens realizadas entre 1816 e 1822, publica *“Voyages dans l'Intérieur du Brésil”*; os naturalistas Jorge Freyreiss e Frederico Sellow, que acompanham o príncipe alemão Maximiliano von Wied-Neuwied (autor de *Viagem ao Brasil*, 1820 e 1821); João Emanuel Pohl, que registra a riqueza da fauna e seus minérios; e João Natterer, que permanece no país entre 1817 e 1835. Algumas expedições se tornam célebres pelos seus resultados científicos e artísticos e uma delas, objeto deste estudo, foi a organizada pelo Barão e médico Georg Heinrich Von Langsdorff, entre 1822 e 1829.

Georg Heinrich Von Langsdorff (1774-1852) formou-se em medicina, na Universidade de Goetingen, na Alemanha. Segundo o Visconde de Taunay (FLORENCE, 1977a), Langsdorff, em 1797, foi para Portugal, onde introduziu a prática da vacinação e, quando voltou para a Alemanha, ofereceu os seus serviços ao governo da Rússia, tornando-se parte da expedição do capitão Krusenstern, acompanhando-o até o Kamtchatka e regressando da Sibéria para a Europa em 1807. Em 1813, foi nomeado cônsul-geral da Rússia junto à corte portuguesa e é nomeado cônsul da Rússia para o Rio de Janeiro em 1820. Em 1822, foi encarregado pelo czar de realizar uma exploração por todo o interior do Império Sul-americano e, para isso, constituiu uma equipe de notáveis: “Luis Riedel, botânico, Rubzoff, astrônomo, Christiano Hasse, zoólogo e Rugendas, pintor” (FLORENCE, 1977a, p. 8). Tendo Rugendas pedido dispensa da missão, foi recrutado como primeiro desenhista Aimé-Adrien Taunay e, posteriormente, como segundo desenhista, Hercule Florence.

Para Langsdorff, o Brasil era um laboratório vivo, que precisaria ser estudado, registrado e transportado para a Academia em São Petersburgo. Desse pensamento, resultaram as exigências colocadas por ele aos desenhistas da expedição: eles deveriam ser esforçados e “fiéis” em suas representações e Hercule Florence, neste sentido, teve sucesso, pois era disciplinado e, reconhecendo-se como autodidata, estava disposto a aprender com os mestres, em suas palavras: “Inclinado a tudo o que estava em meu alcance aprender, não podia deixar de dedicar-me ao desenho. Eu o aprendi sem outros mestres que não os modelos que tinha diante dos olhos...” (CARELLI, 1994, p. 91).

O projeto do Barão não viria a ser concretizado em sua plenitude e o legado científico que se desejava ficou comprometido pelas diversas tragédias ocorridas na expedição, tais como a doença que acometeu Langsdorff, uma espécie muito aguda de malária, que se refletiu no sistema nervoso e o fez perder a memória, acarretando ainda outros prejuízos em sua atividade mental, o que o teria impedido de prosseguir na expedição, como relata Hercule Florence:

Atacadíssimos pela doença, permanecem privados da mínima ação os Srs. Langsdorff e Rubzoff. Tão fracos se sentem que lhes é impossível abandonar a rede. Sua inapetência é absoluta [...]. Conseguira, por minha vez, entrar em convalescença franca, mas uma tempestade, que me colheu durante excursão a que certa hora do dia me aventurara, redundou-me em recaída. (FLORENCE, 1977a, p. 115).

Essa perturbação, da qual nunca mais se restabeleceu, obrigou-nos a ir para o Pará e voltar para o Rio de Janeiro, pondo assim termo a uma viagem, cujo plano, antes dessa desgraça, era vastíssimo, pois devíamos subir o Amazonas, o rio Negro, o Branco, explorar Caracas e as Guianas e regressar ao Rio de Janeiro, atravessando as províncias orientais do Brasil. Talvez tivéssemos também tomado outra direção, a do Peru e Chile, por exemplo. Não havia sido pelo governo da Rússia determinado ao Sr. de Langsdorff nem tempo nem caminho certo. (FLORENCE, 1977b, p. 271-273).

O fato é que, talvez em decorrência do estado de saúde que se encontrava o organizador da expedição, não houve, pelos demais membros da viagem, um cuidado organizacional com os arquivos das produções artísticas e seus relatos, o que gerou o seu desaparecimento durante quase um século, tendo sido reencontrados somente em 1930, no porão do Museu Botânico do Instituto de Academia de Ciências da Rússia (KOMISSAROV, 2010).

3.1 Pequena história da Expedição Langsdorff

No século XVII, a maior parte das missões científicas foram financiadas por governantes da França, Inglaterra e Alemanha e a Expedição Langsdorff, patrocinada pelo governo russo, pode ser entendida como uma tentativa da Rússia de demonstrar que nada devia às demais nações europeias (HARDMAN; KURY, 2004, p. 386).

A Academia de Ciências da Rússia esperava um relatório da expedição, pois a viagem, além do deslocamento, previa a exploração do espaço físico, narrando o que não havia ainda sido explorado ou revelado. Deveriam ser elaborados inventários, visando tentar entender um mundo desconhecido, pois se pretendia mapear a fauna, a flora, os rios e os minerais de regiões quase desconhecidas do Império brasileiro, do Tietê até o rio Amazonas (BORROUL, 1900; FLORENCE, 1977; KOSSOY, 2006).

A expedição científica russa levou o nome do seu idealizador e organizador, o Barão Georg Heinrich von Langsdorff, cônsul-geral do império russo no Brasil. Essa expedição avançou pelo interior do território brasileiro no início do século XIX, a partir de 1822. Sobre o período de 1826 a 1829, Hercule Florence, quando o trajeto se deu por rios, deixou um relato textual e iconográfico denso, o diário chamado “*Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas – pelas Províncias Brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará (1825-1829)*”.

Para Boris Komissarov (KOMISSAROV; BRAGA, 1993), o trajeto pelos rios era um fato inédito entre os viajantes naturalistas até então, revelando o espírito empreendedor e pioneiro de Langsdorff. Marcos Pinto Braga, na apresentação do livro “O Barão Georg Heinrich von Langsdorff – Pesquisas de um cientista alemão no século XIX”, caracteriza Langsdorff como um “homem de destino incomum, marcado pela ânsia de conhecimento e frenética corrida contra o tempo” (BECHER, 1990, p. 8).

Tendo a maior parte do percurso sido realizada através dos grandes rios, em seu diário, Hercules Florence explica a escolha da rota fluvial:

Enquanto em São Carlos me entendia com um tropeiro, para o transporte de nossa bagagem a Cuiabá, recebi do Sr. de Langsdorff carta em que me dizia: Já não vamos por terra para Cuiabá; para lá iremos por meio dos rios, e embarcaremos em Porto Feliz. O Doutor Engler, de Itu, assegurou-me que os naturalistas ainda não exploraram esta rota, ao passo que vários deles, como os Srs. Martius e Spix, Burschell, Nettez etc., já se valeram do caminho por terra. Venha a

Porto Feliz, à casa do Sr. Francisco Álvares Machado e Vasconcellos, excelente pessoa, cujo conhecimento o Sr. Engler me favoreceu. Vou percorrer o sul da província e o Sr., enquanto isso, ajudado pelo Sr. Francisco Álvares, cuidará de aprestar as canoas e os víveres, assim como arrolará as tripulações. (FLORENCE, 1977a, p. 14).

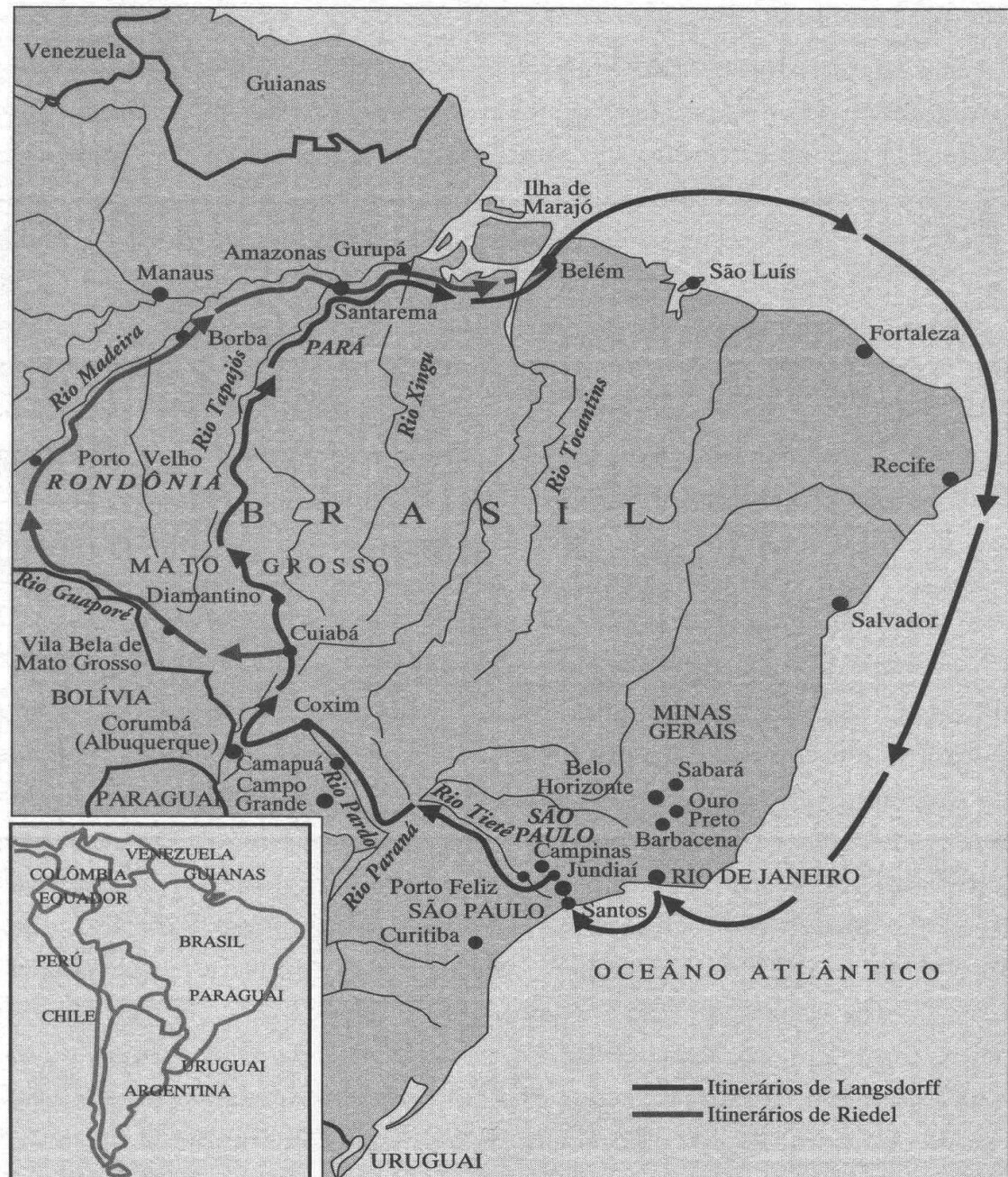
De Porto Feliz à Cuiabá, a expedição seguiu o trajeto comum das monções, que foram intensificadas a partir da segunda década do século XVIII (HOLANDA, 2000, p. 33), e seguiam pelos rios Tietê, Paraná, Pardo, Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá, somando cerca de três mil quilômetros.

Afonso Taunay (1981) descreve inúmeras dificuldades encontradas nas vias fluviais, como as do rio Coxim, de difícil navegação, e as do rio Paraguai, onde não se encontrava água potável, sendo, por isso, considerado o trecho mais desfavorável à saúde dos monçoeiros. O rio Pardo tinha a água mais saudável e o rio Paraguai foi classificado por Hercule Florence como “o rio mais navegável do mundo” (FLORENCE, 1977a, p. 51).

Saindo de Cuiabá, a expedição se dividiu, seguindo o grupo composto por Langsdorff, Florence, Rubzoff pelos rios Preto, Arinos, Juruena e Tapajós, pelo Norte do atual Estado de Mato Grosso, cortando o atual território do Pará. O outro grupo, do qual fazia parte o primeiro desenhista Aimé-Adrien Taunay, seguiu de Vila Bela pelos rios Guaporé, Mamoré e Madeira, na direção de Manaus (figuras 17 e 18). Ambos os grupos tiveram grandes percalços e suas desventuras, algumas trágicas, fazendo dela uma das expedições mais conhecidas pelas dificuldades que passou. Segundo Mário Carelli, a viagem, resumidamente, apresenta-se assim:

A navegação é difícil, as etapas muito longas, o calor úmido e insuportável. Soma-se a tudo aquilo o medo dos selvagens e as relações tensas entre os membros do grupo: seus inimigos mais sorrateiros não serão nem as serpentes nem os tigres, mas impiedosos mosquitos, origem de febres que provocam o delírio. ” (CARELLI, 1994, p. 98).

Figura 18 – Percurso da Expedição Langsdorff



Fonte: Carelli (1995, p. 106).

Aimé-Adrien Taunay, filho de Nicolas Antoine Taunay, integrante da Missão Artística Francesa de 1816, era o primeiro desenhista da expedição. Filho mais novo de cinco irmãos, foi criado no ambiente artístico da família e a Expedição Langsdorff não foi sua primeira experiência como artista-viajante, pois, de 1818 até meados de 1820, tinha participado de uma expedição ao Oceano Pacífico (COSTA; DIENER; STRAUSS, 1995, p. 14).

Durante a expedição Langsdorff, Adrien Taunay vinha entrando em conflito com o Barão, em especial pela preferência que o organizador da expedição vinha dando a Hercule Florence, o que foi objeto de uma carta de demissão por ele redigida:

O senhor pensou fazer um grande ato de autoridade obrigando-me a segui-lo e deixando o sr. Florence na Chapada para me provar que, com efeito, lhe caberá decidir se os dois pintores devem ir juntos e sem que esse artigo de sua carta é ditado por um sentimento de acrimônia especial e contradiz aquele onde o senhor fala que as minhas paisagens têm um caráter mais artísticos do que as do sr. Florence, pois se há um lugar onde a representação da natureza exige o pincel de um artista hábil, este lugar é a Chapada; eu sabia disso antes de ir até lá e é por esta razão que deseja ficar. Lamento vivamente ser obrigado, devido às circunstâncias, a não acabar uma viagem que comecei e a deixar incompletos trabalhos interessantes; o que me consola é que, mais tarde, poderei mostrar a S.M (refere-se ao imperador da Rússia) que eu era digno do posto que ocupava, e tenho entre as mãos o necessário para responder a todas as questões sobre as quais o senhor poderá me acusar (COSTA, 2007, p. 12).

No percurso de Mato Grosso em direção à Bacia Amazônica, deu-se a morte de Aimé-Adrien Taunay, por afogamento no rio Guaporé, acontecimento que abalou a todos da expedição, tendo Hercule Florence narrado a notícia: “14 de fevereiro de 1828 — dia nefasto, dia marcado pela mais cruel notícia. Comunicou-nos uma carta do Sr. Riedel que o Sr. Taunay se afogara no rio Guaporé, em Vila Bela. Encheu-nos de consternação esta desgraça” (FLORENCE, 1977b, p. 222). O Barão Langsdorff também registra o recebimento da notícia sobre a morte de Taunay. Em seu relato, elogia Taunay, mas também se refere ao desgaste do relacionamento com o seu primeiro desenhista:

Uma notícia muito dolorosa para mim, embora eu tivesse muitos e muitos motivos justos para estar descontente com o comportamento do falecido. Taunay tinha muitos talentos natos: era um verdadeiro artista, um gênio em todos os sentidos [...]. Quando ele realmente queria trabalhar — o que era raro —, ele conseguia produzir em uma hora mais do que qualquer outro artista em meio dia. (SILVA, 1997, p. 171).

Apesar de todas as dificuldades do caminho fluvial, do ritmo firme da estação das chuvas, do calor, da umidade e dos muitos mosquitos, a expedição foi em busca de seus objetivos e, ao menos até Cuiabá, os atingiu, na visão do Barão de Langsdorff,

conforme se observa por sua carta, escrita em Cuiabá em abril de 1827, encaminhada à Academia de Ciências de São Petersburgo e publicada por Manizer:

Pela relação anexa de material zoológico, a Alta Conferência da Academia de Ciências verá o significativo crescimento que resultará desta viagem para o Gabinete de história natural. [...] O botânico Riedel trabalhou para a ciência com muito fervor e com grande êxito; conseguiu uma coleção magnífica de plantas e sementes raras, que poderão ser adaptadas, de acordo com as indicações, à coleção do Jardim Botânico em São Petersburgo. Nestor Rubtsov prosseguiu diligentemente fazendo suas observações astronômicas, meteorológicas e geográficas, que envio em anexo para explicação do mapa. O pintor Adrien Taunay desenhou com habilidade e gosto numerosas e admiráveis vistas e espécimes raros de história natural. Constituiu-se assim uma interessante coleção de desenhos.

Tendo em vista que a melhoria dos conhecimentos relativos ao homem me interessa mais particularmente, esforcei-me por que os pintores da Expedição preparassem retratos fiéis de representantes de todas as tribos indígenas que pude observar. Já agora tenho a satisfação de possuir retratos muito instrutivos das tribos dos caiapós, guaianás, guatós, xamacocos, bororos e chiquitos. Qualquer pessoa que inadvertidamente observe essas tribos facilmente se inclina a considerá-las como sendo de raça mongol. Tenho a esperança de que esta coleção de todas as tribos brasileiras, após esta excursão ainda muito longa que empreendo, despertará inusitado interesse. Além disso, esforcei-me em reunir notas e tudo o que se refira aos idiomas dos índios [desde o tempo dos jesuítas] e penso que com isso poderei prestar à ciência um importante serviço. ” (MANIZER, 1967, p. 56).

Ainda que a expedição tenha tido muitas perdas humanas, a “febre tropical” tenha afetado muitos membros do grupo e Georg Heinrich von Langsdorff tenha perdido a memória, boa parte dos manuscritos produzidos e das coleções sobreviveriam, tendo sido remetidos para São Petersburgo, na Rússia.

4 OS VIAJANTES E HERCULES FLORENCE

Como registra Ilka Boaventura (LEITE, 1996), os relatos de viagem ao Brasil, enquanto fontes de informações, permitem leituras inesgotáveis. É possível extrair delas inúmeras informações e impressões. São como “jazidas” de ouro, contendo grandes variedades de pedras preciosas, sendo que a visão do viajante decorre da sua origem, formação cultural ou de seus interesses, pois “dos relatos e das pinturas destes “estrangeiros” não se deve perder de vista que seus registros são portadores de valores, preconceitos, assim como de uma visão idealizada sobre os trópicos, muitas vezes diferente da realidade a ser explorada’, então, é necessário desconfiar das pistas viciadas que esses viajantes possam ter deixado” (SCHWARTZ, 2001).

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, os diversos viajantes que aportavam no Rio de Janeiro teriam uma função considerável na criação de uma imagem de Brasil, uma vez que este olhar estrangeiro acaba por trazer ao habitante local um ponto de vista ignorado ou esquecido, reavivando um sentimento de pertencimento a um grande país (HOLANDA, 1975, p. 13-14)

No entanto, algumas abordagens desses viajantes trazem uma carga de preconceito quanto ao povo local e às belezas naturais do país, como vemos em Spix e Martius:

O que, entretanto, logo lembra ao viajante que ele se acha numa parte estranha do mundo, é sobretudo a turba variegada de negros e mulatos (....) A natureza inferior, bruta, desses homens insistentes, meio nus, fere a sensibilidade do europeu, que acaba de deixar os costumes delicados e as fórmulas obsequiosas das suas pátrias. (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 46).

De forma habitual, as descrições de viajantes naturalistas se referiam aos habitantes do Brasil de maneira negativa, zombando de costumes, criticando a falta de iniciativa de colonos, julgando os indígenas como inferiores. Para Spix e Martius (1981, vol. 3, p. 133), os indígenas das tribos cariris e sabujás eram “indolentes, preguiçosos e visionários, indiferentes a qualquer estímulo, a não ser as mais baixas paixões, e revelam na expressão mesquinha do rosto este estado de decadência moral. Mais propensos a adotar os defeitos do que as virtudes dos europeus, seus vizinhos, preferem passar o dia inteiro caçando...”.

O século XIX foi uma época produtiva, pois os pintores-viajantes deixaram grande contribuição visual para a história brasileira e podem ser considerados empreendedores do imagético. Ana Maria de Moraes Belluzzo, em seu livro “*O Brasil dos Viajantes*”, registra a importância do acervo produzido pelos artistas e cientistas viajantes: “O acervo não apenas nos traz registros visuais de várias épocas e pontos de vista da nossa história, mas se configura como um verdadeiro panorama da formação da identidade brasileira” (BELLUZZO, 2000, p. 13).

Como registra Flora Süssekind, “mais importante até que o relato da viagem, que a narrativa, parece ser o inventário de paisagens, tipos e quadros locais, aos quais se deve ir classificando à medida mesmo que aparecem. E segundo o olhar não de um viajante qualquer, mas de um naturalista” (SÜSSEKIND, 1990, p. 82), em uma época em que “cabia não só a essas enciclopédias sob forma de periódicos trazer a ‘terra inteira’ aos gabinetes de leitura locais, também à produção literária cumprir instruir, servir de mapa e manual histórico e científico” (*Ibid.*, p. 82). No relato de viagem, o olho fala, dado que o testemunho, no pacto com seu leitor, afirma-se como aquele que ‘viu’ e, para dizer o outro, ele recorre a uma retórica da alteridade que se apoia sobre comparações, analogias, inversões, metáforas (CARELLI, 1994, p. 28).

Um dos objetivos dos desenhistas era realizar registros, os mais exatos possíveis, de plantas, animais, artefatos e costumes, que poderiam ser reproduzidos em livros, mapas e jardins botânicos dos países financiadores. Sem os “testemunhos reais da viagem”, uma expedição cairia no esquecimento, suas descobertas não seriam asseguradas (RAMINELLI, 1998, p. 6), e dar configuração à paisagem e ao cenário natural é gratificante ao viajante e para todos os demais participantes do evento. As visões e sensações daquele que tem contato com um mundo paradisíaco e quase desconhecido são enormes, retratadas nas palavras do viajante, procurando quebrar a monotonia do caminho que está sendo percorrido:

Em viagens como esta, a vista de um rio em que se tem de navegar, ou da foz de outro que se vai deixar, ou de qualquer paragem notável, de um quadrúpede mesmo, de um pássaro que pela primeira vez se mostre, essa vista rompe a monotonia da jornada. Cantam então os remadores; com grita jovial ferem os ares, ao passo que os proeiros batem com a mão no chato da pá e à proa, onde estão sempre de pé, redobram a cadência o sapateado habitual. (FLORENCE, 1977b, p. 54).

Hercules Florence relata, na descrição a seguir, a caminho da atual Cáceres, Mato Grosso, suas expectativas, com a natureza observada ao seu redor:

No meio dessas verdejantes campinas, onde tudo tomava ares festivos, travamos conhecimento com o carandá, palmeira de elevado caule cheio de espinhos e cujos pecíolos lisos e espinhosos sustentam um leque de folíolos a modo do buriti. Também o encanto da novidade exaltou ainda mais o bem-estar, que em nós infundia uma natureza inimiga da monotonia e pródiga, sobretudo para o viajante, de novas perspectivas. (*Ibid.*, p. 176).

Presenciando a paisagem, o pintor com o seu álbum, dá a conhecer as suas descobertas, como quando Hercules Florence, em visita à atual Chapada dos Guimarães, descreve o resultado do seu trabalho: “Satisfeito por levar no meu álbum as quatro mais notáveis vistas desses sítios.” (FLORENCE, 1977b, p. 157) e “após desenhar durante a manhã inteira, contente por minha pasta abrigar as quatro mais bem-apanhadas vistas desses sítios encantados e, por isso mesmo, encantadores, retomei o caminho da fazenda.” (*Idem*, 1977a, p. 72).

4.1 Hercules Florence

Antoine Hercule Romuald Florence nasceu em 1804, na cidade de Nice, França. Essa cidade litorânea fez com que Hercule Florence desenvolvesse um fascínio pelo mar, estabelecendo uma atração pelos descobridores do Novo Mundo (BOURROUL, 1900. p. 9) e também tinha predileção pelas artes:

Hercules cresceu num meio cheio de quadros e de desenhos; abundavam os painéis, mas escasseavam os livros. Por índole da família e por tradição, e desprovido de bens de fortuna, como dissemos, Hercules não podia deixar de ser propenso às belas-artes e entregou-se ao estudo do desenho. Segundo ele, “eu o aprendi sem outro mestre que os modelos que tinha diante dos olhos, e animado pelos amigos de minha mãe; bem longe de pensar então que obstáculos sucessivos e o meu gênio haviam impedir-me toda a vida de ser pintor. (BOURROUL, 1900, p. 20).

Figura 19 – Fotografia de Hercules Florence, após 1830



Dimensão: 5,2 x 6,8 cm

Fonte: Monteiro e Kaz (1998, p. 359).

O interesse de Hercules Florence pelo desenho e pintura provavelmente foi herança do talento de seu pai, Arnaud Florence, que foi professor de desenho da Escola Central do Departamento dos Alpes Marítimos, e também das tendências artísticas da família de sua mãe, Augustine de Vignallys, que, segundo Bourroul, também tinha predileção pelas artes:

Hercules cresceu num meio cheio de quadros e de desenhos; abundavam os painéis, mas escasseavam os livros. Por índole da família e por tradição, e desprovido de bens de fortuna, como dissemos, Hercules não podia deixar de ser propenso às belas-artes e entregou-se ao estudo do desenho. Segundo ele, “eu o aprendi sem outro mestre que os modelos que tinha diante dos olhos, e animado pelos amigos de minha mãe; bem longe de pensar então que obstáculos sucessivos e o meu gênio haviam impedir-me toda a vida de ser pintor. (BOURROUL, 1900, p. 20).

Fascinado pelo mar e pelas viagens, Hercule Florence ingressa na Marinha Real Francesa como aprendiz de marinheiro e, conforme autobiografia, em sua adolescência, leu “*The Life and Strange Surprizing Adventures of Robinson Crusoe*”, de Daniel Defoe (1719):

Li Robinson, e fiquei apaixonado pelas viagens e aventuras marítimas. Este gosto me deu o da Geografia, e passava horas inteiras sobre um atlas bom que nós tínhamos. Não havia um ponto no globo onde eu não pretendesse ir algum dia. O Mediterrâneo me parecia muito pequeno e eu apenas pretendia percorrê-lo como se percorre um lago do país antes de o deixar. (BOURROUL, 1900, p. 22).

Em seu diário, Hercules Florence também cita e tipifica seu Robinson:

Lá me surpreendeu a presença de um homem de longa barba, coberto por chapéu preto de abas largas, trazendo à cinta sabre e bolsa de caçador, na qual chamavam a atenção compridos pêlos de guariba. Empunhava sua espingarda e calçava avantajadas botas de couro de veado. Inicialmente, imaginei estar vendo uma espécie de Robinson, mas logo percebi seus companheiros, além de remadores e quatro botes. Era o Capitão Sabino, chegado de Cuiabá, com destino a Porto Feliz, para abastecer-se de artilharia, pólvora, ferro e sal. (FLORENCE, 1977a, p. 27).

Hercule Florence desembarcou no Rio de Janeiro após quarenta e cinco dias de viagem e, ao expressar suas primeiras impressões sobre o Brasil, registrou sua revolta com a escravidão dos negros:

Atravessei o pequeno largo do Capim, onde se açoitava um negro amarrado ao pelourinho. Esta cena me revoltou, pois eu era bisonho quanto à escravidão. Mais adiante via a fachada de São Francisco de Paula, onde estava escrito em grandes letras: *Charitas*; e não pude deixar de maldizer um povo que afetava tanto a caridade e que açoitava os negros. ” (KOSSOY, 2006, p. 49).

No Rio de Janeiro, seu primeiro trabalho foi em uma loja de roupas e, depois, em uma tipografia, do também francês Pierre Plancher, onde teve notícias da Expedição Langsdorff. Segundo Boris Kossoy, em matéria de jornal, o próprio pintor-viajante, antes do seu ingresso na Expedição, anunciou suas habilidades:

Em julho de 1825, comunicava, em periódico local, que: ‘todas as pessoas que tiverem de mandar copiar mapas, plantas e desenhos de qualquer objeto podem falar com Hercules Florence, em casa do Sr.

Plancher, Rua do Cano, 113, na certeza de que ele se apressará a desenhar as suas obras com todo o asseio e exatidão necessária'. Pouco tempo se passaria para que Florence tivesse a oportunidade de colocar todo o seu talento à prova." (KOSSOY, 2006, p. 51).

Ao ver um anúncio de emprego do Barão Langsdorff, Hercule Florence entendeu que ele lhe proporcionaria realizar seu sonho de infância. Era anunciado pelo Barão: "Naturalista russo aprontando-se para fazer uma viagem através do Brasil busca um pintor. As pessoas preenchendo condições necessárias são convidadas a se dirigir ao Vice-Consulado da Rússia" (CARELLI, 1994, p. 92-93). Apresentando-se ao Barão, que, impressionado "pela exatidão da observação e a segurança do traço de Hercule, Langsdorff o recruta no mesmo instante e como o francês tem noções de cartografia, "será o pintor topógrafo dessas terras inexploradas" (CARELLI, 1994, p. 93) e em seu diário, Langsdorff, em momento de discussão com o primeiro pintor, Taunay, deixa claro: "Como conheço os artistas, aceitei o Sr. Florence, às suas próprias expensas, um jovem muito mais solícito, que, espero, será de grande utilidade para mim daqui em diante." (SILVA, 1997, p. 100).

O material visual produzido por Hercule Florence inclui desenhos, pinturas, imagens e esboços, feitos ao longo de sua vida. A grande peculiaridade dos seus escritos está na sua habilidade de descrever as populações nativas e, com base em seus registros, é possível estabelecer um interessante diálogo com as culturas e costumes dos povos indígenas, ou seja, com a etno-história.

Como iremos discorrer neste trabalho, o Brasil recebeu, no século XIX, em consequência da vinda da família real e a abertura dos portos, numerosas expedições científicas estrangeiras. Nessa época, o conhecimento do território e de seus habitantes conjugava interesses científicos e coloniais. Cabia, nas expedições científicas, papel fundamental aos pintores-viajantes, pois eram eles os responsáveis por descreverem e traduzirem, no papel, todos os detalhes do inventário do Novo Mundo. Nesse contexto, o pintor-viajante Hercule Florence se apresenta como exímio observador e os seus desenhos produzidos durante a Expedição Langsdorff são registros iconográficos e etnográficos de uma grande viagem.

Para Belluzzo, Hercule Florence foi, dos pintores da Expedição Langsdorff, o de maior rigor científico, representando com maior fidelidade as plantas, paisagens, fauna e etnias, buscando a objetividade do registro por todos os meios, sendo o "mais

sensível e afetivamente envolvido com o objeto de atenção” (BELLUZZO, 2000, p. 131).

Hercules Florence também é conhecido por sua descoberta pioneira da fotografia no Brasil e nas Américas, tendo vivido uma trajetória muito peculiar (KOSSOY, 2006), que estabeleceu raízes no Brasil, e se radicou no ano de 1830 na Vila de São Carlos, atual cidade de Campinas, São Paulo. Durante toda sua vida, dedicou-se às pesquisas científicas, realizando importantes descobertas em diferentes campos da ciência e da técnica.

Quando já residia na Vila de São Carlos, Hercule Florence instalou uma tipografia, a primeira de Campinas e, no ano de 1842, imprimiu o primeiro jornal do interior do estado de São Paulo, denominado “*O Paulista*”. O jornal foi responsável pela “veiculação de notícias que propagaram o movimento liberal. Seu idealizador e principal redator foi o padre Diogo Antonio Feijó” (KOSSOY, 2006, p. 83).

Na Vila de São Carlos, constituiu família, casando com a filha do anfitrião da expedição em Porto Feliz, Francisco Álvares Machado Vasconcelos. Lá, também iniciou diversos experimentos, que culminaram com a descoberta do processo fotográfico:

Ao término da expedição, Florence casou-se com Maria Angélica de Vasconcellos, filha de Francisco Álvares Machado e Vasconcellos e fixou-se na Vila de São Carlos (atual Campinas). Prosseguiu como pintor (têm sido analisados e discutidos seus estudos de nuvens, inclusive sob o ponto de vista meteorológico) e ilustrador, mas a sua verve de inventor era infatigável. Ainda na expedição Langsdorff, concebeu um método para a transcrição do canto dos pássaros denominado Zoophonia; criou um sistema de impressão tipográfica denominada Polygrafia (método semelhante à mimeografia atual), que possibilitou o aparecimento do primeiro jornal do interior paulista a “*Aurora Campineira*” e, principalmente, desenvolveu um processo fotográfico, em 1833, batizado de Photographie, que precedeu a invenção de Daguerre (PADIM, 2005, p. 105).

Embora registrasse “saudades” da Europa, Hercule Florence viajou de volta para a Alemanha somente uma vez, em 1855, para encontrar sua mãe. Em 1877, foi aceito, por unanimidade, como Membro Correspondente do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil, cujo trabalho de admissão foi precisamente o “*Esboço da Viagem feita pelo Sr. de Langsdorff ao Interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829*”.

5 PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE HERCULES FLORENCE DURANTE A EXPEDIÇÃO LANGSDORFF

Enquanto no século XVI existia a admiração e surpresa com o Novo Mundo, no século XIX, esse mundo devia ser organizado conforme a superioridade do Velho Mundo (THEODORO, 1996). Quanto à expressão “Novo Mundo”, Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra “*Visão do Paraíso*”, associa o novo a um cenário paradisíaco:

Novo não só porque, ignorado até então, das gentes da Europa e ausente da geografia de Ptolomeu fora ‘novamente’ encontrado, mas porque parecia o mundo renovar-se ali, e regenerar-se, vestido de verde imutável, banhado numa perene primavera, alheio à variedade e aos rigores das estações, como se estivesse verdadeiramente restituído à glória dos dias da Criação. (HOLANDA, 1969, p. 204).

O Novo Mundo, como um paraíso, era o palco perfeito para a curiosidade humana, onde a ciência e a arte uniam-se para apresentar um mundo concebido naturalmente em desordem:

No século XIX, a linguagem dissocia, torna o mundo intransitivo, como se fosse uma galeria de animais empalhados, esqueletos, peixes, plantas e pinturas que ilustram o mundo das diferenças. A convenção da veracidade, e não a verdade, pauta algumas vezes a conduta de determinados desenhistas e pintores. Mas é esta convenção que afasta e torna cegos os homens que copiam e, assim, segregam (THEODORO, 1996, p. 83).

Ao analisar o olhar dos pintores-viajantes, Flora Süssekind argumenta que os relatos buscavam inaugurar a paisagem brasileira. As produções artísticas resultantes das expedições científicas nomeavam lugares e cenários, assim como selecionavam o que deveria ser destacado no Brasil, no século XIX:

Sugerem, de um lado, um saber técnico, um modo de olhar e classificar racionalmente figuras e vistas [...] e, de outro um ‘Brasil pitoresco e histórico’ decisivo na figuração romântica de uma paisagem singular, intransferível e delimitada como ‘nação’ para o país. As pranchas do pintor-viajante não só figuram um Brasil, como ensinam a figurá-lo, a descrevê-lo. E se mostram bastante eficazes. (SÜSSEKIND, 1990, p. 39).

Ao longo da história, as imagens elaboradas pelos pintores-viajantes foram utilizadas como suportes imagéticos de um Brasil “real”. Assim, ajudam a formar um imaginário sobre os povos que aqui viviam antes da chegada do colonizador e os registros de Hercules Florence, descrevem o que se passou durante a expedição Langsdorff e entre as temáticas por ele escolhidas, temos muitas informações referentes ao seu contato com povos indígenas.

Hercules Florence tinha o seu estilo de representação: seus desenhos e as pinturas são descritivos e, portanto, realistas. Seu traçado é nítido e predomina a linha sobre a cor na maioria dos estudos realizados durante a expedição (COSTA; DIENER; STRAUSS, 1995), não deixando espaço para a imaginação.

Os desenhos e as pinturas de Hercule Florence nos trazem à lume um observador-cientista, que se expressa com o apoio de um observador-artista, mas ambos se revestem de uma certa modéstia, embora se demonstrem ansiosos com os efeitos da publicação de seus escritos:

A vigorosa variedade das mais pitorescas paisagens constitui, aqui, muito com que possa ocupar-se um pintor. E a um geólogo não escapariam, nas formas abruptas do São Jerônimo e nas camadas longitudinais das montanhas, os traços de formidáveis revoluções, que, se não culminaram com a subversão da crosta terrestre, abrangeram, seguramente, todo o centro da América.

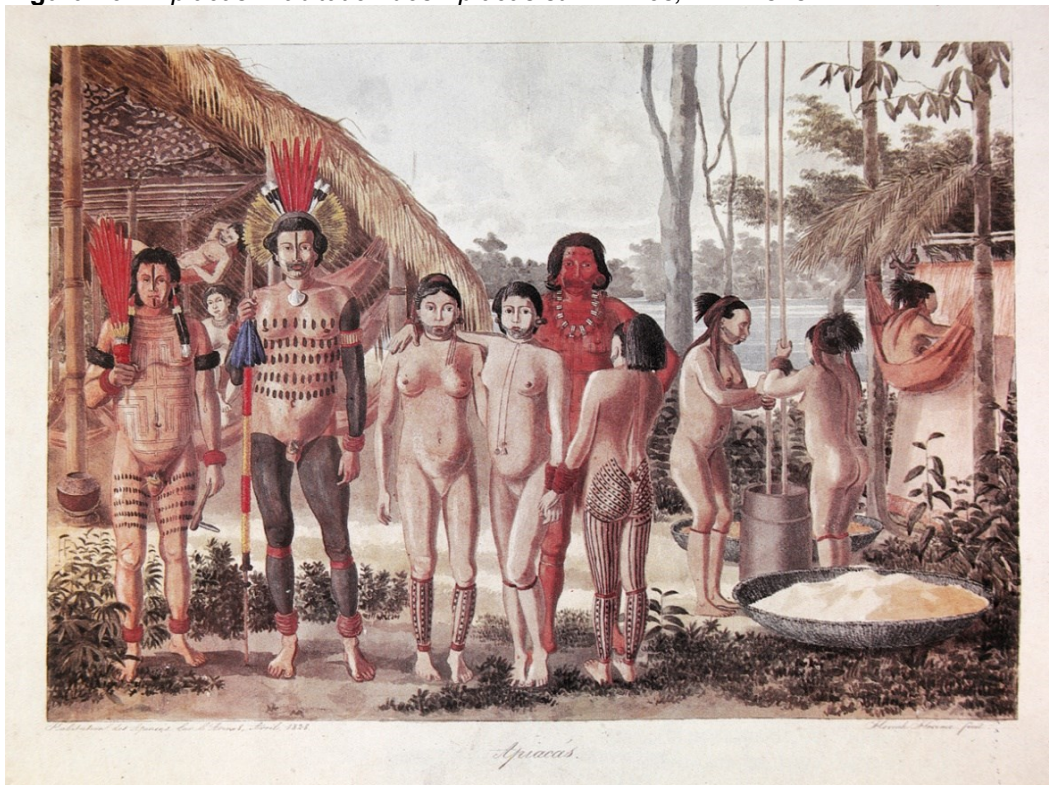
Todo esse sublime panorama, porém, é tão somente o prosclênio das maravilhas que nos esperam um quarto de légua mais adiante. Onde me abasteceria de expressões para descrever o que vi? Sei que não passo de iletrado autor, cujos escritos jamais se publicarão. Mas, se todos os dons do gênio e da fortuna me deviam ser recusados, por que recebi a faculdade de sentir, conhecer, inventar, tanto quanto realizaram muitos dos grandes valores de que se honra a humanidade? Para pintar o que vi na chapada, só me faltam expressões. Se as encontrasse, tão exatas e adequadas, quero crer que as poderia repetir vinte vezes, narrando esse meu encontro com a suprema beleza: meus leitores me leriam até o fim, sem se cansarem de meu entusiasmo. (FLORENCE, 1977a, p. 69).

Na análise da iconografia indígena, Hercule Florence parte do desafio vivenciado pela história indígena como um todo: “Oferecer um contraponto das dinâmicas locais e regionais para se repensar tanto as abordagens estruturalistas quanto as teses globalizantes de décadas anteriores” (MONTEIRO, 1995 *apud* PEREIRA, 2016, p. 70). Taunay aponta que a contribuição mato-grossense de Hercule Florence “não é menos preciosa e os seus esboços etnográficos amazônicos

mereceram os mais rasgados elogios de altas autoridades etnológicas” (TAUNAY, 1981, p. 26). Segundo Thekla Hartmann, os registros de Hercule Florence colocaram em evidência grupos indígenas brasileiros, que estavam “até então ausentes do panorama iconográfico”. Essa autora afirma que Hercule Florence e Aimé-Adrien Taunay foram “os melhores desenhadores de índios de todos quantos visitaram o Brasil no século XIX, em termos do valor documental de seus trabalhos” (HARTMANN, 1970, p. 154).

Na interação com o indígena, Hercule Florence registra sua felicidade ao entrar no Paraná, “porque ia entrar em contacto com os habitantes das selvas, isto é, ia ver no século XIX o homem primitivo, tal como ele devia ser na aurora do mundo” (FLORENCE, 1977a, p. 31), e completa: “Aqui, porém, só podíamos ver selvagens e míseras tocas, espetáculo ainda assim cheio de interesse e novidade para quem quer estudar o homem em seu tipo primitivo” (FLORENCE, 1977b, p. 54).

Figura 20 – *Apiacás. Habitation des Apiacás sur l'Arinos, Avril 1828.*



Florence, 1828 (Aquarela sobre papel – 40,8 x 51,0 cm)

Fonte: Coleção Arquivo da Academia de Ciências (São Petersburgo)

Ao reencontrar um grupo de indígenas em certa altura do caminho, Hercule Florence escreve: “Índios Guatós aparecem. Revejo tão boas criaturas com o

contentamento que sentimos quando, à fresca da tarde, propícia ao repouso, avistamos velhos amigos” (FLORENCE, 1977a, p. 59). Em outra edição do diário, afirma: “Alcançaram-nos umas canoas de Guatós. Tornei a ver esses índios com o prazer com que, ao frescor de uma bela tarde, avistam-se amigos de antiga data” (FLORENCE, 1977b, p. 206). Acrescenta ainda que “A fisionomia não indicava selvajaria como a dos Bororos” (FLORENCE, 1977a, p. 206).

Também faz alguns comentários sobre os negros e à “gente forra”. Ao chegar à Fazenda Camapuã, em decadência, quando da visita da expedição, ele destaca:

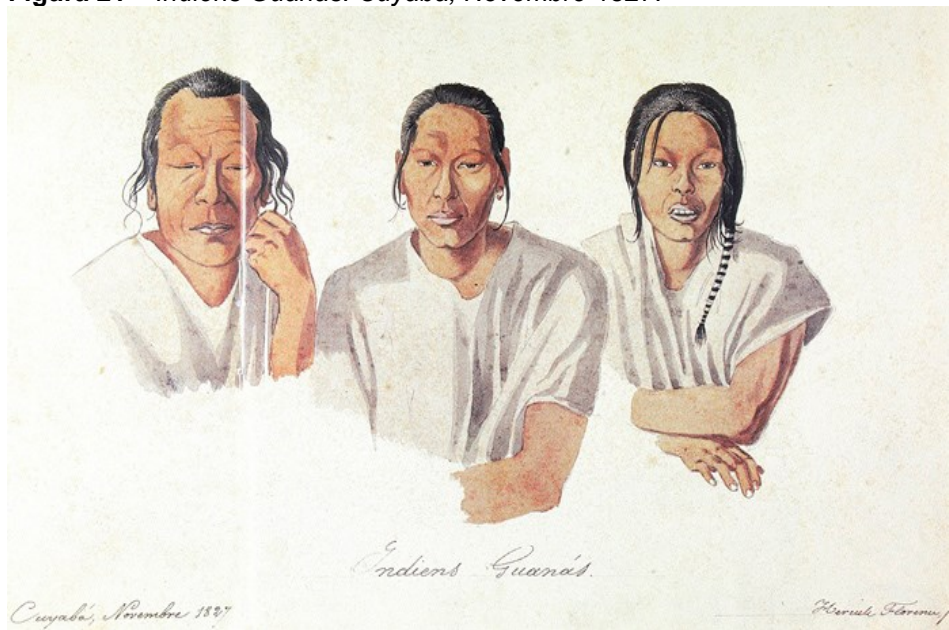
Extrema é a miséria dos habitantes. Pelos bens que possuem, pouco distam do estado selvagem, mas nem por isso são ou se consideram mais infelizes. Não há senão alguns homens, tidos por dinheirosos, que andam vestidos com calças e camisa de pano grosso. O resto não usa senão de ceroula, quase tanga; a maior parte das mulheres traz sobre o corpo uma saia. (FLORENCE, 1977b, p. 74).

As vestimentas das mulheres Guaná lhe rendem muitas outras observações, o que leva o autor a quase desculpar-se com o leitor pela extensão de detalhes:

Do mesmo modo que as damas da antiguidade, essas índias ajeitam o traje [...]. A vestimenta, pitoresca por suas grandes dobras e pela extravagante mistura de cores, não lhes permite caminhar livre, desembaraçadamente, como nossas damas, mas transforma a andadura em algo de teatral, como a das mulheres da Albânia, vistas por Lord Byron, o que também se nota nos povos do Oriente e do Sul, que preferem as vestes amplas, nestes incluídos o Brasil, onde as mulheres menos pobres, de certa camada social para baixo, gostam de trajar-se com sedosa baeta, guarnecida por larga ourela. Penso que não me excedo, quando falo da graça de ambas essas mulheres das selvas: é da arte de vestir que a estatuária retira um de seus mais nobres ornamentos, que lhe inspiram encantadoras posturas e movimentos realmente graciosos. Somente em relação a isso, descubro graça nessas guanás: observei-as, aliás, ao máximo, como artista.” (FLORENCE, 1977a, p. 52-53).

As mulheres também trazem o pano enrolado à cintura e caindo até os joelhos [...] mostrando-se assim menos nuas que os homens. Às vezes também cobrem com ele (*panão*) os ombros e deixam-no cair até meia canela. Já muitos Guanás usam de calças e camisas de algodão grosseiro que se tece em Cuiabá, bem como em todo o interior do Brasil. É o traje da gente miúda. (FLORENCE, 1977b, p. 108).

Figura 21 – Indiens Guanás. Cuyabá, Novembre 1827.



Florence, 1827 (Aquarela sobre papel - 21,5 x 27,5 cm)

Fonte: Coleção Arquivo da Academia de Ciências (São Petersburgo)

Figura 22 – Famille de Nation Guató, 1826



FAMILLE DE NATION GUATO.

(Aguada de nanquim sobre papel - 34,5 x 28,5 cm)

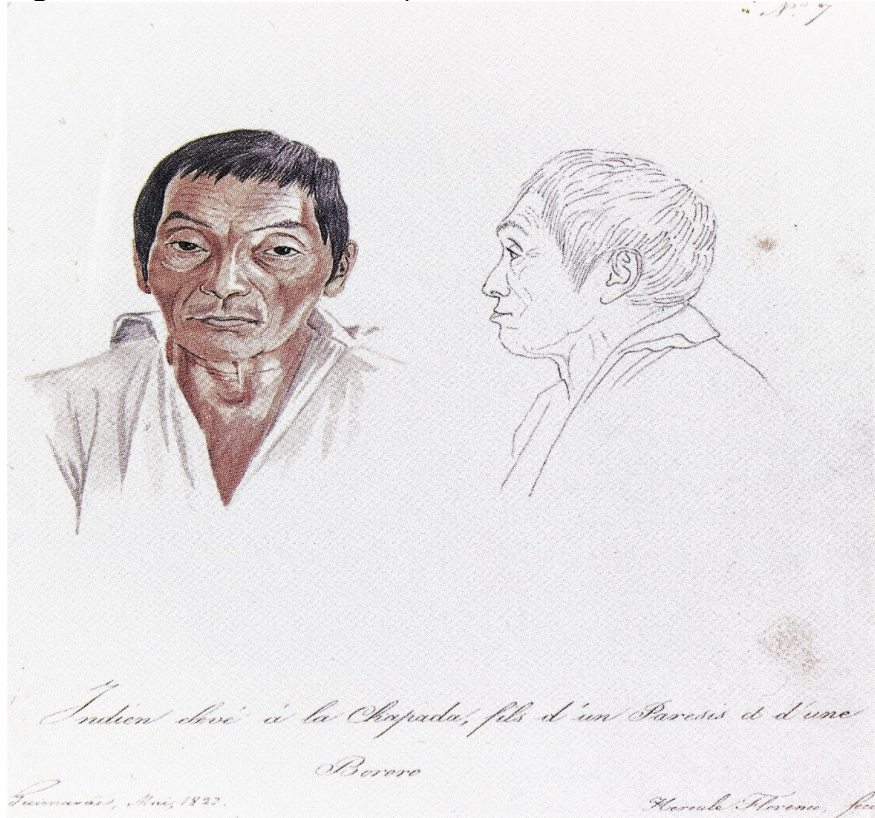
Fonte: Coleção Arquivo da Academia de Ciências (São Petersburgo)

Figura 23 – *Indienne de Nation Bororo* [Desenho do Carnet de dessins] [1827]



(Nanquim, aguada e grafite sobre papel - 19,3 x 24,7 cm)
 Fonte: Coleção Bibliothèque Nationale de France (Paris)

Figura 24 – *Indien élève à la Chapada, fils 'um Paresis et d'une Bororo*. Guimarães, Mai, 1827.



Hercule Florence, fecit. 1827 (Aquarela e nanquim sobre papel - 22,0 x 19,0 cm)
 Fonte: Coleção Arquivo da Academia de Ciências (São Petersburgo)

Figura 25 – *Indienne Apiacá, au Diamantino de Matto-Grosso. Fevrier, 1828.*



Florence, ft. 1828 (Aquarela e nanquim sobre papel - 27,2 x 10,0 cm)

Fonte: Coleção Arquivo da Academia de Ciências (São Petersburgo)

Para Kossoy, o olhar científico de Hercule Florence preenchia exatamente as demandas da expedição Langsdorff: “Os conhecimentos de cartografia confirmam um dos seus múltiplos interesses científicos” (KOSSOY, 2006, p. 63), mas essa relação de Florence com a ciência também lhe parecia perturbadora. No diário concluído após a expedição, ele desabafa: “Minha linguagem extravagante resulta, todavia, de minha particular situação: a de quem tanta amargura experimentou, por apaixonar-se pela ciência.” (FLORENCE, 1977a, p. 15).

Sobre as narrativas de Hercules Florence, Maria de Fátima Costa afirma que

seus textos não foram concebidos como um relato pessoal de aventuras e impressões subjetivas de uma viagem; sua intenção foi a de documentar as etapas do empreendimento de pesquisa científica do qual participara. Assim, o espírito de busca, de pesquisa e de criação foi uma constante durante toda a sua vida. (COSTA; DIENER; STRAUSS, 1995, p. 18).

Dentre os desenhos de Hercule Florence, têm especial relevância os relacionados à flora e à fauna, demonstrando o ponto de vista científico de sua

representação. As legendas de flora e fauna seguem a seguinte ordem: o nome científico, o responsável por sua classificação, a classificação/reconhecimento e o nome comum.

Figura 26 – Pará, Janvier 1829. [Orchidaceae. *Rodriguesia secunda* H.B.K.]



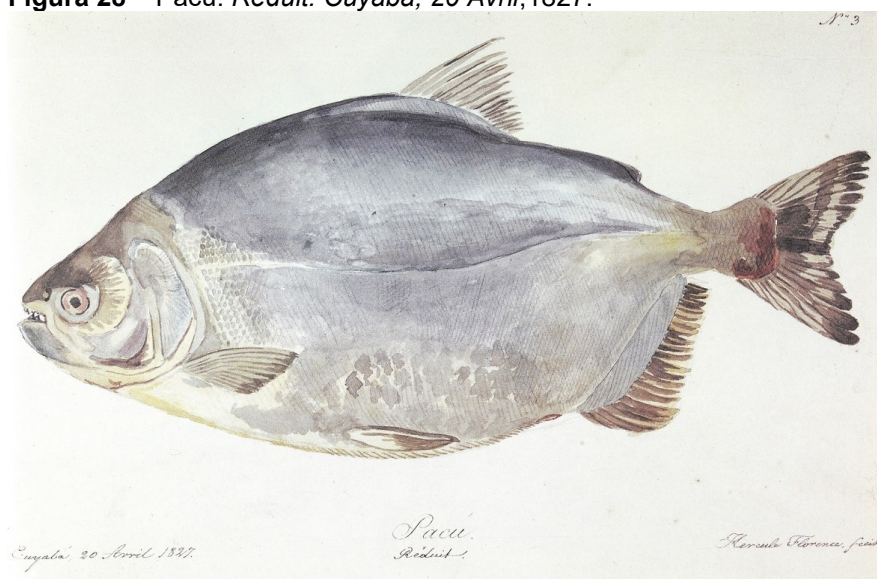
Florence, 1829 (Aquarela e nanquim sobre papel – 34,7 x 24,6 cm)
 Fonte: Coleção Arquivo da Academia de Ciências (São Petersburgo)

Figura 27 – Quiriquiri Gr. nat.e. Diamantino de Matto-Grosso, Fevrier 1828



Florence, 1828 (Aquarela sobre papel - 25,0 x 21,8 cm)
 Fonte: Coleção Arquivo da Academia de Ciências (São Petersburgo)

Figura 28 – Pacú. Réduit. Cuyabá, 20 Avril, 1827.

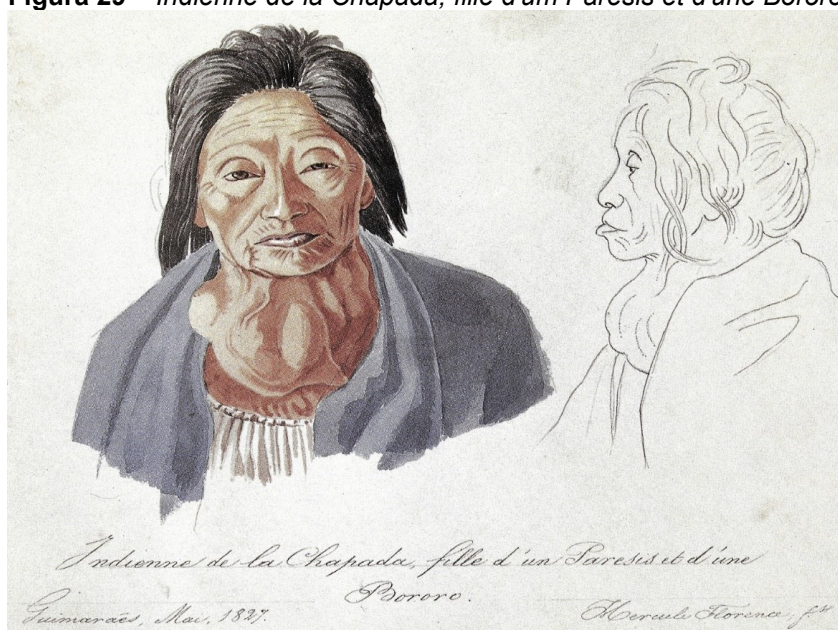


Florence, 1827 (Aquarela sobre papel - 20,6 x 28,7 cm)

Fonte: Coleção Arquivo da Academia de Ciências (São Petersburgo)

Os desenhos de tipos humanos têm vista frontal e lateral (perfil), com detalhes que fornecem pistas que indicam sua condição social. Em razão de sua formação médica, o Barão Langsdorff dava uma especial atenção às doenças e pestes, o que era retratado por Hercule Florence, como se observa na Figura 29, da índia em perfil, que valoriza o registro da hipertrofia no pescoço, de nome bócio, enfermidade ligada à falta de iodo no organismo.

Figura 29 – Indienne de la Chapada, fille d'un Paresis et d'une Bororo. Guimarães, Mai, 1827.



Florence, 1827 (Aquarela sobre papel - 23,2 x 19,0 cm)

Fonte: Coleção Arquivo da Academia de Ciências (São Petersburgo)

Embora não sendo uma viagem para identificar divisas territoriais, os registros iconográficos de Hercule Florence indicam questões cartográficas e históricas, como quando a expedição encontra o marco de Jauru (figuras 37 e 38), na embocadura do rio Jauru, que foi fixado como limite das colônias de Portugal e Espanha, por ocasião do Tratado de Madri, em 1750. Em setembro de 1827, Hercule Florence tece sobre a marcação territorial opiniões e relatos de caráter pessoal, sem relação com o objetivo da expedição Langsdorff:

Não é possível enxergar com indiferença um monumento qualquer de mármore branco e de arquitetura regular que de repente se nos depara no meio dessas vastas regiões, onde sem partilha reina a natureza. É a pirâmide quadrangular e tem 15 e meio pés de alto, incluindo o pedestal e a cruz de pedra que a coroa. No lado N. 54° O estão gravadas as armas da Espanha [...]. No lado S. 54° E estão as armas de Portugal. (FLORENCE, 1977b, p. 207).

As duas coroas das armas de Espanha e Portugal estão mutiladas; pelo tempo ou pelos homens? Na minha infância vi os sinais da realeza destruídos pelos revolucionários de 92. Inclino-me a crer que o mesmo sentimento impeliu os americanos a apagarem o assinalamento da antiga servidão. (FLORENCE, 1977b, p. 209).

Apagadas, destruídas a coroa, tanto as de Espanha como as de Portugal, cabe perguntar: obra do tempo ou dos homens? Vi, quando menino, enxovalhados ou extintos pelos revolucionários de 92, os emblemas, os brasões, as armas da realeza. Inclino-me, pois a convir em que os americanos, impelidos por igual sentimento, cuidaram de mutilar ou inutilizar todas as marcas ou símbolos que lhes recordassem a antiga sujeição. (FLORENCE, 1977a, p. 93).

Figura 30 – Pirâmide “Sub Ferdinando VI”



Fonte: Florence (1977b, p. 208).

Figura 31 – Vista do marco representativo do Tratado de Madri (1750)



Trasladado da margem direita da embocadura do rio Jauru para a praça da cidade de Cáceres, MT
Fonte: Florence (1977a, p. 94).

Hercule Florence foi um explorador de campo, com uma curiosidade imensurável, que o perseguiu por toda a vida; podemos compará-lo, e à sua obra, com o “Gabinete de Curiosidades”, local que precedeu os museus e espaços de coleções, que, no século XVI, guardavam artefatos raros, objetos exóticos e animais “monstruosos”. A catalogação e classificação de objetos da natureza e de objetos feitos pelo

homem era uma forma deste último se relacionar com o mundo (LARA FILHO, 2006, p. 27) e, quando a história natural se fortaleceu como ciência autônoma, os *cabinets de curiosités* viraram moda, assim como os jardins botânicos (PALAZZO, 2007).

No manuscrito “*L’Ami des arts livré à lui-même*” (O Amigo das Artes abandonado à própria sorte), nas páginas 135 e 136, Hercules Florence registra:

A genialidade consiste tanto em inventar como em ter satisfação com o que é inventado. [...] O que mais nos interessa conhecer é o ser humano, ou seja, nós mesmos. Ora, um filósofo que queira escrever sobre o homem moral se vê obrigado a falar de si, ou a descrever a si mesmo, pois conhece a si mesmo mais do que conhece os outros e, nesse caso, ele pode, pelo menos, escrever para aqueles que sejam vítimas das mesmas paixões ou fraquezas. O homem nada é sem o homem. Quem inventa uma arte deve trabalhar por muito tempo sem lucrar coisa alguma e se arrisca a jamais colher os frutos de sua invenção por toda a vida. Daí a infelicidade de tantos homens de gênio que passaram por uma vida de amarguras e da glória deste mundo (levam) apenas o túmulo (KOSSOY, 2006, p. 355).

Hercules Florence não se considerava um gênio. Em seus escritos, demonstra sentir-se isolado do mundo, o “mundo civilizado”:

O gênio não conhece entraves. Quanto a mim, conheci-os durante toda a minha vida! Mistérios sublimes foram-me desvelados em meu sepulcro de trinta anos. Não me faltou coragem, mas um peso férreo tombava sobre mim, a cada esforço que eu fazia. Sei que não sou o único que vive na sombra! (FLORENCE, 1977a, p. 55).

Interessante notar que, nas suas narrativas, Hercule Florence manifestava preocupação com o prosseguimento de suas anotações pós-expedição e que, do seu empenho na viagem, dependeria o destino de suas colocações textuais e visuais:

Talvez se tornem por fim enfadonhas as descrições que faço das cachoeiras, porque sou obrigado a repetir quase sempre a mesma coisa e tudo se resume em água, espumas, rochas e ruídos, mas delas todas dou conta, do mesmo modo que um diário de bordo relata as menores alterações da atmosfera. Para trabalho posterior e mais limado, ficará a suprimir o que for supérfluo: entretanto tenho para mim que tais pormenores não deixam de interessar, ainda quando se reproduzam algumas vezes, por darem o conhecimento circunstanciado dos lugares e a história individuada de uma navegação penosa e um tanto fora do comum. (FLORENCE, 1977b, p. 82).

Ao fim da expedição, Hercule Florence encontrou-se com a família de Adrian Taunay, com quem deixou seu texto “*Esboço da Viagem feita pelo Sr. de Langsdorff ao Interior do Brasil, desde Setembro de 1825 até Março de 1829*”. O texto foi traduzido do francês para o português, por Alfredo d’Escagnolle Taunay (Visconde de Taunay), e foi publicado em 1875 e 1876, pela *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, nos tomos 38 e 39. Posteriormente, parte do manuscrito foi publicada na *Revista do Museu Paulista*, tomo 26, com o título “De Porto Feliz à Cuiabá, 1826-1827 (Diário da viagem de um naturalista da Expedição do Barão de Langsdorff)”. Também houve outras duas publicações do *Esboço*, em 1941 e 1948, ambas pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que, incorporadas de muitas ilustrações, receberam o título “*Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*”. Em 1977, o Museu de Arte de São Paulo publicou o diário completo (a partir de 1849), onde consta o manuscrito “*L’Ami de arts libre a lui-même ou recherches et découvertes sur différents sujets nouveaux*”, com o título “*Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas pelas Províncias Brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará (1825-1829)*”, com tradução de Francisco Álvares Machado e Vasconcellos Florence, este último descendente de Florence. Em 2018, o Instituto Hercule Florence foi responsável pela publicação de uma nova edição do mesmo diário, com o seu título original em dois volumes, contendo o fac-símile e a transcrição do documento, textos técnicos e de contextualização e índices remissivos.

Afonso d’Escagnolle Taunay, o Visconde de Taunay, chamou Hercule Florence de patriarca da iconografia paulista, afirmando que:

Não fora o benemérito artista filho de Nice e radicado na Província de São Paulo, e em Campinas, nada teríamos, por assim dizer, da iconografia monçoeira. Acha-se escusado e lembrado o nome de Hercules Florence inapagavelmente ligado à nossa xeno-iconografia pelo vulto dos inestimáveis serviços a ela prestados. (TAUNAY, 1981, p. 25).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a abertura dos portos, em 1808, a visitação ao Brasil por viajantes de diversas nacionalidades foi intensa, e eles produziram narrativas sobre os aspectos naturais das pessoas, dos usos e costumes locais. Foram esses viajantes os primeiros a explorarem, estudarem e representarem, de forma científica, as riquezas minerais, a exuberante natureza, bem como a variedade de costumes e de outros aspectos da cultura brasileira. Participando das expedições científicas, contribuíram, de forma definitiva, para a elaboração simbólica do território brasileiro.

Dentre as diversas expedições, focalizamos naquela que foi organizada e liderada pelo Barão de Langsdorff, que empreendeu uma longa viagem pelos rios, desde São Paulo até o Amazonas, passando por Mato Grosso. A Expedição Langsdorff ficou conhecida como uma das mais importantes expedições científicas do século XIX e os estudos realizados pelos seus membros são um acervo clássico a respeito do Brasil. Valiosos são os diários de Langsdorff e de Hercule Florence, além do extraordinário valor dos desenhos deste último. É frequente, nos diários de Langsdorff, a menção aos trabalhos dos artistas e dos demais membros da expedição: “Enquanto trabalhadores e a tripulação estavam ocupados com essa operação, o trabalho científico não ficou parado: o Sr. Riedel colecionava plantas, os Srs. Taunay e Florence tentavam transportar para o papel as cenas da natureza, o Sr. Rubtsov fazia observações astronômicas e relacionadas com a Física; e eu me dedicava a esfolar e empalhar um belo e grande tapir” (SILVA, 1998, p. 156).

Pode-se afirmar que, ao narrar em seus diários e representar o que se via em aquarelas e desenhos, esses viajantes “criaram imagens que compuseram a identidade do território e da nação” (PRADO, 1999, p. 180).

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marcos Lourenço de. **O “Segundo Eldorado” Brasileiro: navegação fluvial e sociedade no território do ouro de araritaguaba a cuiabá (1719-1838)**. Dourados, MS: PPF/UFMS, 2004.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil). Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bv000026.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

BECHER, Hans. **O Barão Georg Heinrich von Langsdorff: pesquisas de um cientista alemão no século XIX**. Trad. Mário Nunes Jr. São Paulo: Edições Dia; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: MetaLivros; Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

BONFIM, Luiz Claudio dos Santos. **O lugar do texto: análise comparada as narrativas de Hercules Florence**. Teresina: UFPI, 2012. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Luis%20Claudio%20dos%20Santos%20Bonfim.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BOURROUL, Estevão Leão. **Hercules Florence (1804-1879): ensaio histórico-literário**. São Paulo: Tipografia Andrade, Mello e Comp., 1900. Disponível em: <http://localhost:8080/xmlui/handle/1357/80>. Acesso em: 25 jul. 2020.

CARELLI, Mario. **A descoberta da Amazônia: os diários do naturalista Hercules Florence**. São Paulo: Marca D'Água, 1995.

CARELLI, Mario. **Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil**. Trad. Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1994.

COSTA, Maria de Fátima G. Aimé-Adrien Taunay: um artista romântico no interior de uma expedição científica. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 4, n. 4, p. 1-17, out./nov./dez. 2007. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/635/604>. Acesso em: 07 out. 2020.

COSTA, Maria de Fátima G.; DIENER, Pablo; STRAUSS, Dieter. **O Brasil de hoje no espelho do século XIX: artistas alemães e brasileiros refazem a expedição Langsdorff**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento235302/o-brasil-de-hoje-no-espelho-do-seculo-xix-artistas-alemaes-e-brasileiros-refazem-a-expedicao-langsdorff-1995-sao-paulo-sp>. Acesso em: 27 de out. 2020.

DIAS, Maria Odília da Silva. Aspectos da ilustração no Brasil. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, v. 278, p. 105-170, jan./mar. 1968.

FLORENCE, Hercules. **De Porto Feliz a Cuyabá**: diário de viagem de um naturalista da expedição do Barão de Langsdorff em 1826 e 1827). Tradução do Visconde de Taunay. São Paulo: Diário Oficial, 1929.

FLORENCE, Hercules. **Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007. 327 p.

FLORENCE, Hercules. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829**. Trad. Afonso d'E. Taunay. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1977a.

FLORENCE, Hercules. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas pelas Províncias Brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará (1825-1829)**. Tradução de Francisco Álvares Machado e Vasconcellos Florence. Assis: Museu de Arte de São Paulo, 1977b. 157 p.

HARDMAN, Francisco Foot; KURY, Lorelay. Nos confins da civilização: algumas histórias brasileiras de Hercule Florence. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 2, n. 11, p. 385-409, maio/ago. 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. A herança colonial, sua desagregação. *In*: **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difel, 1975. v. 1.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. 3. ed. ampliada. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, EDUSP, 1969.

KOMISSAROV, Boris. **Expedição Langsdorff**: acervo e fontes históricas. Trad. Marcos Pinto Braga. São Paulo: Unesp, 1994.

KOMISSAROV, Boris. Langsdorff: com o Brasil para sempre. *In*: BANCO DO BRASIL. **Expedição Langsdorff**. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010. Disponível em: <https://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Langsdorff.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2020.

KOMISSAROV, Boris.; BRAGA, M. P. Acervo da Expedição Langsdorff e um manuscrito sobre Mato Grosso. *In*: COSTA, M. de Fátima G. (org.). **Percorrendo manuscritos entre Langsdorff e D'Alincourt**. Cuiabá: UFMT, 1993.

KOSSOY, Boris. **Hercule Florence**: a descoberta da fotografia no Brasil. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2006.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História Ciências Saúde** [online], Rio de Janeiro, v. 8, p. 863-880, 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702001000500004>. Acesso em: 15 mar. 2020.

LARA FILHO, Durval de. **Museu: de espelho do mundo a espaço relacional**. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes-USP, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-30112006-105557/publico/museus-espaco-relacional.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da Viagem: escravos e libertos em Minas Gerais, no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LEITE, José Francisco. Visita imperial: 30 de abril de 1846. Sessão Cidade – História. In: PREFEITURA de Porto Feliz. **Terra das monções**: Porto Feliz. [2020]. Disponível em: <https://www.portofeliz.sp.gov.br/historia>. Acesso em: 13 set. 2020.

LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil, 1817-1820**. São Paulo: Hucitec, 1997. 224 p.

MANIZER, Genrikh Genrikhovich. **A expedição do acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil (1821-1928)**. Trad. Osvaldo Peralva. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

MONTEIRO, JOHN MANUEL. O desafio da história indígena. In: SILVA, A. L. da; GRUPIONI, L. D. B. (org.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

MONTEIRO, Salvador; KAZ, Leonel. **Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829: Aquarelas e desenhos de Florence**. Rio de Janeiro: Alumbamento/Livroarte Editora, 1988. v. 3.

OLIVEIRA, Lúcia L. **Cultura é patrimônio: um guia**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

PADIM, Sonia Leni Chamon. **Imagens de um rio um olhar sobre a iconografia do rio Tietê**. 2005. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas. 2005.

PALAZZO, C. L. Permanências e mudanças no imaginário francês sobre o Brasil (séculos XVI a XVIII). **Imaginário**, São Paulo, v. 13, n. 14, p. 105-138, 2007.

PEREIRA, Sonia Maria Couto. **Etnografia e iconografia nos registros produzidos por Hercules Florence durante expedição Langsdorff na província do Mato Grosso (1826-1829)**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2016.

PRADO, Maria Ligia Coelho. **América latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: EDUSP, 1999.

PRESOTTI, Thereza Martha B. A natureza dos rios nas notícias práticas das Minas de Cuiabá: a trilha das águas nos pantanais do centro da América do Sul. **Textos de História**, Brasília, v. 17, n. 1, p.107-131, 2009.

RAMINELLI, Ronald. Ciência e colonização. **Revista Tempo**, Niterói, v. 7, p. 5-28, 1998.

SARDENBERG, Ronaldo. Langsdorff: a expedição de duas pátrias. Entrevista cedida ao Silvestre Gorgulho. **Folha do Meio**, 25 março 2012, Disponível em: http://www.folhadomeio.com.br/fma_nova/noticia.php?id=3769. Acesso em: 15 ago. 2020.

SCHWARTZ, Lilia Moritz. Viajantes em meio ao Império das festas. In: JANCÓS, István; KANTOR, Iris. **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec: Edusp: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001. v.2.

SILVA, Danuzio Gil Bernardindo da (org.). **Os diários de Langsdorff**. Trad. Márcia Lyra Nascimento Egg. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

SPIX, Johann Baptista; VON MARTIUS, Karl Friedrich Philip. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

TAUNAY, Affonso D'Escragnolle. **Antonil e sua obra: estudo biobibliográfico**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil). Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bv000026.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

TAUNAY, Affonso D'Escragnolle. **Relatos monçoeiros**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

TAUNAY, Affonso D'Escragnolle. Antonil e sua obra. Estudo biobibliográfico por Affonso D'Escragnolle Taunay. In: ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil [1711]**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil). Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bv000026.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

THEODORO, Janice. Visões e descrições da América: Alvar Nunez Cabeça de Vaca (XVI) e Hercules Florence (XIX). **Revista USP**, São Paulo, v. 30, p. 74-83, jun./ago. 1996.

ANEXOS

ANEXO A – Fotografias do Museu das Monções e da Casa da Cultura D. Narcisa Stettener Pires: “Sala das Monções” e “Sala Hercule Florence”

Fotografia 1 - Museu das Monções – em restauração



Fonte: TV TEM

Fotografia 2 - Museu das Monções em Porto Feliz (SP)



Fonte: TV TEM

Fotografia 3 - Sala Hercule Florence



Fonte: Superintendência do Instituto Hércules Florence

Fotografia 4 - Sala das monções - 1



Fonte: Superintendência do Instituto Hércules Florence

Fotografia 5 - Sala das monções – 2



Fonte: Superintendência do Instituto Hércules Florence

Fotografia 6 - Sala das monções – 3



Fonte: Superintendência do Instituto Hércules Florence

Fotografia 7 - Sala das monções - 4



Fonte: Superintendência do Instituto Hércules Florence

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARAÚJO, Patricia Vargas Lopes de. **Viajantes do século XIX: uma reflexão sobre as estéticas do pitoresco e do sublime na construção de representações para o Brasil**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 20019.

DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. **História Ciência Saúde** [online]. 2001, v. 8, suppl., p.823-838, 2001. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702001000500002>.

FERREIRA, Dirceu Franco. Narrando viagens e invenções, Hercule Florence: amigo das artes na periferia do capitalismo. **História e Cultura Material**, v. 22, n. 2, p. 153-196. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-47142014000200006>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FLORENCE, Adriana. **No caminho da expedição Langsdorff: memória das águas**. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

FONSECA, Dayz Peixoto. **O viajante Hercules Florence: águas, guanás e guaranás**. Campinas, SP: Pontes, 2008.

HARTMANN, T. **Contribuição da iconografia para o conhecimento de índios brasileiros no século XIX**. 1970. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1970. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-26022013-120021/publico/2012_RodrigoLuvizotto_VCorr.pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.

LUVIZOTTO, Rodrigo. **Os diários de Langsdorff: prelúdios paisagísticos**. Tese (Doutorado). 2012. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2012.

PAULINO, Carla Viviane. Os relatos de viagem do século XIX como fontes históricas para a prática do ensino de história da América: algumas considerações teórico-metodológicas. **Fronteiras e Debates**. Macapá, v. 3, n. 2, jul/dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras>. Acesso em: 18 maio 2020.

SUSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.